



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

A FESTA DE SÃO BENEDITO
RITO E SOCIABILIDADE EM UMA COMUNIDADE NEGRA



Pedro Henrique Gomes Pereira

Brasília
2016

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

A FESTA DE SÃO BENEDITO

RITO E SOCIABILIDADE EM UMA COMUNIDADE NEGRA¹

Monografia apresentada ao
Departamento de Antropologia da
Universidade de Brasília como um dos
requisitos para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Sociais, com
habilitação em Antropologia.

Pedro Henrique Gomes Pereira

Banca Examinadora:

Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos (DAN/UnB) – Orientador

Juliana Braz Dias (DAN/UnB)

Brasília

2016

¹ Foto da capa: Mastro com a bandeira de São Benedito.

as mãos que dizem adeus
dizem o que querem dizer
balançando como pêndulos tristonhos
e acenando

va

ga

ro

sa

men

te

como quem quer parar o tempo,
ou desesperadamente
como quem espera.

Dizem,
neste vai e volta:
vai, mas volta.

Poema sobre a saudade (Ritual) – Diego Ruas

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram, de forma direta ou indireta, para a realização deste trabalho. Agradeço nominalmente aqui apenas a alguns poucos, ante a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, de mencionar todos.

Primeiramente, agradeço à minha família: minha mãe, meu pai, meus irmãos e minhas avós. Todo o meu esforço eu dedico a vocês.

No Mato Grosso do Sul, agradeço principalmente a todos aqueles que me acolheram e que abriram suas portas e corações para que eu pudesse conhecer um pouco de suas vidas. A José Camargo, por quem nutro um profundo respeito e admiração. A Simone, que me apresentou a cidade de Campo Grande. A todos da comunidade Tia Eva, especialmente a Antônio Borges, Marlene e Igor, que me acolheram em sua família. A Dona Neuza, pela atenção e confiança. A Seu Michel, pelos bons momentos que compartilhamos. A Eurides, pela sinceridade e bom humor. A Vânia Lúcia, pelos conselhos. A Lúcia, que vivenciou comigo a intensidade da festa. A Dona Adair, pela alegria. Aos irmãos Ewerton e Ewerson, pela amizade.

Em Brasília, essa monografia não seria possível sem a contribuição dos meus amigos. Agradeço, em especial, a Álvaro, Hugo, Rosa, Sofia e Wanderson, que muito me incentivaram e somaram forças nessa vida. A minha companheira Maria Vitória, pelo amor e carinho.

Agradeço, de uma maneira geral, aos professores do Departamento de Antropologia da UnB e aos funcionários, pelo apoio sempre preciso.

Ao INCRA, por ter me possibilitado estagiar em sua instituição, na qual tive um aprendizado significativo. Em especial a Roberto, Danilo, Zé, Leslye, Isabelle e Cristiano.

Ao meu orientador, Carlos Alexandre, pela atenção e paciência, por ter me revelado o universo quilombola.

RESUMO

Em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, acontece a festa de São Benedito, realizada na comunidade quilombola Tia Eva. A primeira festa realizada na comunidade aconteceu no dia 13 de maio do ano de 1919 e foi organizada por Eva Maria de Jesus, a tia Eva, como forma de promessa ao santo ao qual era muito devota. Desde então, a festa vem acontecendo todos os anos, somando-se 97 anos desde seu início. Durante esse tempo diversas mudanças ocorreram na comunidade, como a diminuição do seu território original, o crescimento e avanço da cidade, mudanças no meio ambiente, inovações tecnológicas, o surgimento de novas crenças e religiões, dentre outras. Essas transformações se expressam nas festas atuais, que por sua vez despertam a memória social do grupo, especialmente dos mais velhos que relembram o passado e o comparam com o presente. A memória e o presente são duas instâncias, não raro, conflitivas. A “tradição” sempre lembrada e requisitada vai se modificando, porém retém elementos que são mais duradouros na sua constituição. A festa de São Benedito ainda é o ponto aglutinador entre as famílias que migraram e as que ficaram, é, pois, um ritual de interação que agrupa indivíduos de interesses comuns constituindo o princípio de reciprocidade.

Enquanto forma específica de devoção, a festa de São Benedito se realiza a partir de uma estrutura ritual que dita uma organização determinada, porém que se estende aos mais variados contextos sociais, extrapolando as situações rituais ligadas às comemorações religiosas. Nesse sentido, pareceu-nos importante analisar as festas na perspectiva de Mauss (1974), como fatos ou fenômenos sociais totais, que envolvem elementos políticos, econômicos, estéticos, religiosos, morais, etc., em torno de regras de reciprocidade e de obrigatoriedade. Ou seja, as festas populares são modos de se entender a sociedade, pois são as expressões fundamentais da ordem em que emergem. Entender esse grupo social a partir de uma manifestação da sua cultura popular religiosa revela uma forma genuína de sobrevivência elaborada pelos devotos de São Benedito. Com um profundo sentido religioso, esses devotos expressam a busca por reconhecimento social e atuam como estratégia de sobrevivência que os ajuda a lidar com a pobreza e com a discriminação que os afeta.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

- A monografia	8
----------------------	---

CAPÍTULO I

TIA EVA E SÃO BENEDITO: MEMÓRIAS DE UMA COMUNIDADE NEGRA

1.1 Escravidão e o dom de tia Eva.....	10
1.2 A Irmandade e o processo migratório	12
1.3 Promessa a São Benedito	14
1.4 Da antiga região do Cascudo ao atual Bairro Jardim Seminário	17
1.5 Muros e espinhos	22
1.6 O processo de urbanização	26

CAPÍTULO II

A FESTA DE SÃO BENEDITO

2.1 Catolicismo popular e o culto aos santos no Brasil	31
2.2 Organização e preparativos.....	33
2.3 A esmola e a patrola	35
2.4 Missas de abertura	37
2.5 A novena/terço	39
2.6 Tempo e religiosidade.....	43
2.7 Interações e transformações no espaço.....	44
2.8 Música, identidade e performance	47
2.9 O futebol.....	51
2.10 Sobre as promessas.....	54
2.11 Procissão e Missa de encerramento	56
2.12 Almoço e comensalidade	57

CAPÍTULO III

FESTA ESTRUTURA E MUDANÇA

3.1 A festa e seus cenários	59
3.2 Entre diferentes gerações.....	60
3.3 Cismas religiosas.....	61
3.4 Tradição e mudança	67

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
---------------------------	----

BILIOGRAFIA.....	71
------------------	----

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto n° 01 - Seu Augusto pintando a igreja - 17/05/13	Pág. 14
Foto n° 02 - Imagem de São Benedito no interior da Igreja - 27/05/2013	Pág. 15
Foto n° 03 - Cruz que demarca o primeiro túmulo de tia Eva - Junho de 1998	Pág. 17
Foto n° 04 - Família de D. Narzira (bisneta de Tia Eva) - Década de 1960	Pág. 18
Foto n° 05 - Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito - 17/05/2012	Pág. 24
Foto n° 06 - Rua Eva Maria de Jesus sem asfalto - 1998	Pág. 27
Foto n° 07 - Construção da Escola Estadual Antonio Delfino Pereira - 1998	Pág. 28
Foto n° 08 - Dona Adair com a bandeira de São Benedito - 17/05/13	Pág. 34
Foto n° 09 - Rua Eva Maria de Jesus asfaltada - 26/05/2013	Pág. 36
Foto n° 10 - Padre Damião durante a missa de abertura - 16/05/13	Pág. 38
Foto n° 11 - Devota de São Benedito no interior da igreja - 25/05/2013	Pág. 41
Foto n° 12 - Bolinho mostra os troféus de futebol conquistados pelo time da comunidade - 25/05/13	Pág. 52
Foto n° 13 - Time de futebol São Borges	Pág. 53
Foto n° 14 - Devotos durante o hasteamento da bandeira de São Benedito	Pág. 54
Foto n° 15 - Procissão de São Benedito e Nossa Senhora de Aparecida - 25/05/2013	Pág. 56
Foto n° 16 - Preparo das carnes para o almoço - 25/05/2013	Pág. 58
Foto n° 17 - Preparo dos acompanhamentos para o almoço - 25/05/2013	Pág. 58
Foto n° 18 - Interior do Salão durante o almoço - 20/05/2012	Pág. 58

LISTA DE FIGURAS

Figura n° 1 - Sítio de Tia Eva (até os anos 1970)	Pág. 21
Figura n° 2 - Quadro genealógico parcial de tia Eva	Pág. 26
Figura n° 3 - Imagem aérea da comunidade Tia Eva	Pág. 29
Figura n° 4 - Programação da 93ª festa de São Benedito	Pág. 37
Figura n° 5 - Área da festa de São Benedito	Pág. 44
Figura n° 6 - Área interna do Salão durante os shows	Pág. 49
Figura n° 7 - Caminho percorrido pela Procissão	Pág. 56

APRESENTAÇÃO

A monografia

O primeiro capítulo desta monografia aborda a memória do grupo e tem como objetivo apresentar a trajetória da ex-escrava Eva Maria de Jesus e da comunidade Tia Eva. Nesse sentido, dar-se-á ênfase à compreensão ou à representação que os entrevistados fazem sobre as próprias histórias ou sobre as categorias de tempo.

A memória do que foi vivido é uma referência vital tanto aos que viveram determinado acontecimento quanto aos que irão ouvir determinadas histórias do passado. Deste modo, optei por descrever suas memórias seguindo uma sequência temporal, dando ênfase, nesse processo, às dramaticidades socioculturais. Ao abordar o grupo pelo viés da memória estamos não só investigando seu passado, mas, também, percebendo como o presente é pensado por meio desse passado.

De acordo com Foucault, uma investigação só pode ser construída sobre a base de uma reflexão acerca de situações determinadas, e esta reflexão deve, necessariamente, ser histórica em alguns de seus aspectos (GORDON, 1980: 145). Se considerarmos a memória e a história como motores relacionais da realidade atual, faz-se fundamental a análise da situação social. Esta análise será baseada em Gluckmann (1987: 238), que define situação social como “*o comportamento, em algumas ocasiões, de indivíduos como membros de uma comunidade ou grupo*”.

Nesse sentido, o segundo capítulo tem como objetivo analisar as sociabilidades e as situações sociais observadas no âmbito da festa de São Benedito, a partir da experiência em campo e por meio de entrevistas e relatos dos participantes da festa. De acordo com Gluckmann (1987: 228), “*as situações sociais constituem uma grande parte da matéria prima do antropólogo, pois são os eventos que ele observa. A partir das situações sociais e de suas inter-relações numa sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições, etc., daquela sociedade.*”.

O método utilizado para a realização da pesquisa foi o trabalho de campo, através da observação participante e o uso de entrevistas abertas e dirigidas. Realizei duas incursões ao campo, além de contatos anteriores com alguns quilombolas e a leitura de bibliografias sobre o grupo e sobre a região em questão. Apesar de meu interesse central ser voltado para a festa, deparei-me com outros aspectos do grupo e os investiguei. Aos poucos, fui percebendo a ligação existente entre eles. Essa ligação fica bem clara

principalmente quando se compara o passado e o presente. Nas falas dos descendentes de tia Eva, sempre mencionam um tempo passado que “*era assim*” para se referir a um tempo presente; “*agora é assim*” ou melhor “*agora deveria ser assim, mas é o contrário*”.

O terceiro capítulo se constrói em torno dessa relação entre presente e passado. Essa construção decorreu-se por influência do interesse dos meus interlocutores. De fato, sabe-se que nunca possuímos o total controle da direção das entrevistas e das observações. Na realidade, acontece o contrário, pois o outro detém o controle e, frequentemente, ‘assume’ a direção da pesquisa. Isso é verdadeiro até para os grandes clássicos em antropologia. No meu caso, são os ‘outros’ que falam de suas percepções e angústias, é uma realidade sobre a qual temos acesso restrito e controlado. E por que não direcionar ao que ‘eles’ consideram importante? Acredito que, meus interlocutores, por terem consciência das transformações pelas quais a comunidade está passando, sentiram a necessidade de enfatizar o passado, compará-lo com o presente e demonstrar sua perplexidade diante dessas transformações.

CAPÍTULO I

TIA EVA E SÃO BENEDITO: MEMÓRIAS DE UMA COMUNIDADE NEGRA

Discorrer sobre as histórias das comunidades negras rurais está essencialmente relacionado à memória de vida dos idosos dessas comunidades, pois ela nos transmite o passado. Assim como essa memória, as práticas e costumes tradicionais são fenômenos sociais sujeitos a flutuações, a transformações e a mudanças constantes dada a natureza dinâmica das relações sociais. As memórias dos idosos, envolvidas nesses processos sociais dinâmicos, revelam novas facetas nos estudos sobre as comunidades negras rurais após a abolição da escravidão (PLÍNIO DOS SANTOS, 2014).

Tais memórias, ao exporem o passado, apontam as especificidades dos grupos de camponeses negros, seus caminhos de constituição e suas lutas. Tendo como referência esses elementos, procuro neste capítulo apresentar a trajetória de vida de Eva Maria de Jesus e, como consequência, a história da formação da comunidade negra Tia Eva. Desse modo, procurei evidenciar, a partir da “memória da injustiça passada” (CONNERTON, 1999), as tensões e os conflitos envolvidos na formação desta comunidade até os dias atuais.

Devo ressaltar que o presente capítulo foi baseado, principalmente, no livro “Fiéis descendentes: redes-irmandades na pós-abolição entre as comunidades negras rurais sul-mato-grossenses” (2014), de autoria do professor Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos. Este livro tornou-se leitura obrigatória para todos aqueles que pretendem estudar ou tem interesse em conhecer mais sobre as comunidades negras do estado de Mato Grosso Sul.

1.1 Escravidão e o dom de tia Eva

Na década de 1830, nas margens do Rio Claro, sudoeste goiano, posseiros, como as famílias Vilela, provenientes de Minas Gerais, e Carvalho, vindos de São Paulo, formaram, com a mão de obra escrava, as primeiras fazendas de gado da região. Os primeiros escravos que lá chegaram foram trazidos por José Carvalho Bastos e Francisco Joaquim Vilela; os escravos homens, segundo França (1995), eram encaminhados para o trabalho de construção e do campo, e as escravas ficavam nos serviços domésticos. Posteriormente, com o aumento do trabalho nas fazendas, os dois pioneiros retornaram às suas terras natais para trazerem mais escravos.

Em 1848, na fazenda Ariranha, de propriedade dos Vilela, nasceu a escrava Eva. Tendo sido criada, desde cedo, para os afazeres domésticos, desempenhou diversas funções na casa, sede da fazenda. Ainda jovem, assumiu o serviço na cozinha, onde fazia diversos tipos de doce. Segundo Seu Waldemar Bento de Arruda “*A história de tia Eva foi muito interessante, ela foi escrava, ela trabalhava pros Vilela desde pequena. Lá onde ela morava em Jataí, naquele tempo do cativo, era no tempo dos reis, rainhas, aquela coisa toda. (...). Aí tia Eva era especialista em fazer doce, cada uma fazia alguma coisa, cada uma das escravas*” (apud PLÍNIO DOS SANTOS, 2014: 228).

Um fato marcante na história da escrava Eva narrado pelos seus descendentes, ocorreu na fazenda Ariranha, quando, ao trabalhar em um tacho de doce, deixou acidentalmente cair em sua perna uma panela de banha quente. Em consequência desse fato, a escrava Eva passou a viver apartada da casa sede, onde fazia sabão.

Nos anos de 1870, na fazenda Ariranha, nasceu a primeira filha da escrava Eva, chamada Sebastiana. Posteriormente, nasceram Joana e Lázara. Sobre as filhas de tia Eva, Dona Adair Jerônima da Silva, bisneta de tia Eva, relata:

Eu conheci a Tia Joana, Tia Lázara, eu não conheci só minha avó, Vó Sebastiana. Sebastiana era filha da finada Eva. Foi a que veio escapando da escravidão que ela veio, ela [tia Eva] veio com 3 filhas: Sebastiana, Joana e Lázara, essa que é lá da Furnas do Dionísio, ela casou e foi pra lá. Então eu não conheci minha vó, conheci da Sebastiana pra cá, mas ainda peguei ainda um pouco do jeito dela né, que as filha tinha o mesmo jeito né, ainda peguei aquela religião deles, uma coisa muita séria sabe, era muito sério mesmo. (Entrevista realizada em 22/05/2013)

A escrava Eva era bastante devota de São Benedito e, um dia, após presenciar uma tortura na fazenda, fez uma promessa ao santo. De acordo com Seu Waldemar Bento de Arruda:

A tia Eva foi muito devota de São Benedito. Por causa da escravidão ela fez um pedido para São Benedito, por isso ela veio pra cá. Ela fez um pedido a São Benedito assim, um dia eles tinham apanhado lá, ela viu as pessoas apanhando, ela fez um pedido se São Benedito ajudasse que ela saísse de lá pra vim pra cá pro Mato Grosso ela ia arrumar um lugar para criar só as pessoas da cor dela, mas que não iriam mais ser escravos. iam viver independentes, fazer sua casa, fazer farinha, lavar roupa, fazer óleo de mamona, um local para passar toda a vida. Ela falou isso para São Benedito. E ela tinha o dom de benzer, com as graças de São Benedito, assim que começou o negócio de benzer os outros. (apud PLÍNIO DOS SANTOS, 2014: 236)

Em busca de liberdade, a escrava Eva pediu ajuda ao santo para sair da condição de escrava, prometendo que, se o seu pedido fosse realizado, iria arrumar uma terra que fosse somente dos negros. Através das “graças de São Benedito”, a escrava Eva passou a ser reconhecida como benzeadeira, conforme assegura Seu Waldemar:

A tia Eva tinha um dom de benzer, porque o dom quem dá é Deus, a pessoa já nasce com o dom de alguma coisa, naquele tempo benziam ventre virado, cobreiro, pasto, roça, aquela coisa toda, e ela era terrível nisso daí. Muita gente buscava ela, tinha até branco, o pessoal começou a chamar ela de tia Eva, era tia Eva pra lá e tia Eva pra cá. (apud PLÍNIO DOS SANTOS, 2014: 236)

De acordo com Plínio dos Santos (2014), com esse “dom”, a escrava Eva passou a ser conhecida como “tia Eva”, atraindo uma clientela que a procurava em busca de tratamento para diversos males. Por meio desse “dom”, tia Eva criou estratégias para garantir seu espaço social na fazenda e em seus arredores. Por outro lado, o nome dela associado com o termo “tia”, que nesse contexto é uma categoria honorífica, solidificou redes sociais na quais estava inserida.

1.2 A Irmandade e o processo migratório

Após a libertação dos escravos, alguns deles ainda permaneceram nas fazendas, outros migraram para diferentes regiões e muitos saíram das fazendas e começaram a povoar as áreas urbanas periféricas. Tia Eva, sem condições financeiras, com três filhas para criar e ainda com a ferida na perna que não cicatrizava, continuou a trabalhar para os Vilela e a benzer os males daqueles que a procuravam. Na região da fazenda Ariranha, tia Eva possuía pequenos recursos materiais (carro de boi, bois, galinhas e porcos). Os recursos que tia Eva possuía eram doações recebidas de pessoas que havia benzido. Conforme Seu Sérgio Antônio da Silva, conhecido como Seu Michel, bisneto de tia Eva, “*ela recebia recurso, era doação que faziam, porque para benzer não se recebe, a pessoa dá, não pode ser negociado, fica a cargo de quem foi benzido dar alguma coisa ao benzedor*” (apud PLÍNIO DOS SANTOS, 2014: 236).

No ano de 1903 chegou à região de Jataí um grupo de ex-escravos de Uberaba que estava migrando para o Mato Grosso. A esse grupo de ex-escravos, chamado “Irmandade”², juntaram-se outros ex-escravos, inclusive tia Eva e suas filhas. A viagem até Campo Grande, destino final desse grupo, durou alguns meses, pois o transporte da

² Categoria nativa que se refere a grupos de ex-escravos, os quais se consideravam “irmãos”, por consanguinidade ou afinidade.

comitiva era feito por carros de boi e no meio do percurso as pessoas tinham que fazer roças para a alimentação da comitiva e até mesmo arrumar serviços esporádicos.

Ao tentarem cruzar os limites do Estado de Goiás para Mato Grosso, esses libertos foram obrigados a parar em um Posto de Fiscalização para serem cadastrados. Porém, diversos desses ex-escravos não possuíam sobrenomes e precisaram inventá-los. Grupos de homens, consanguíneos ou não, assumiram certos sobrenomes. Desse modo, surgiram os “Borges”, os “Custódio”, os “Silva”, os “Martins”, os “Souza” e os “Pinto”. Tia Eva, suas filhas e outras mulheres que não tinham laços consanguíneos assumiram o sobrenome “de Jesus”³ (PLÍNIO DOS SANTOS, 2014: 242).

Através da adoção de sobrenomes comuns ao grupo, os laços de solidariedade e de alianças da Irmandade, construídos pelos ex-escravos no cativeiro, foram reforçados. Assim, tem início a consolidação de uma rede social que, até os dias atuais, conecta as comunidades negras rurais Furnas da Boa Sorte, Furnas do Dionísio, Chácara do Buriti e Tia Eva (PLÍNIO DOS SANTOS, 2014).

Os integrantes da comitiva chegaram à recém-formada Vila Santo Antônio de Campo Grande no ano de 1905. Ao chegarem, procuraram uma região com terras sem dono e a encontraram na região de Olho D’água, a cerca de seis quilômetros do centro da Vila. Nessa região, numa área próxima ao córrego Segredo, tia Eva e sua família tomaram posse de uma área de mata e ali ergueram o embrião da comunidade negra rural Tia Eva. Neste momento, este grupo camponês se estruturou por meio do parentesco consanguíneo e do “parentesco simbólico”, representado pela Irmandade.

Nas terras de tia Eva, as famílias de camponeses negros buscavam atrelar o trabalho na roça a outras atividades, como produção de doces, azeites e manufaturas de objetos de madeira (PLÍNIO DOS SANTOS, 2014). Essa produção era vendida nas ruas da Vila de Campo Grande pelas mulheres, geralmente acompanhadas por seus filhos. Outras mulheres trabalhavam como lavadeiras, cozinheiras e empregadas domésticas para pessoas da área urbana de Campo Grande. Já os homens moradores da comunidade Tia Eva, além do serviço em suas roças, trabalhavam como carpinteiros, pedreiros e peões de fazendas.

³ Esse vínculo de nomes e sobrenomes, “sagrados” à mulher, está relacionado com a atividade religiosa que desenvolve, pois “são elas que se responsabilizam pela manutenção da igreja, realizam, ou comandam, todos os ritos religiosos: novenas, procissões e terços, e são elas que fazem promessas em nome da família.” (WOORTMAN, E., 1994: 298).

1.3 Promessa a São Benedito

Durante a migração para Campo Grande, tia Eva, ainda com a ferida na perna que não cicatrizava, fez uma segunda promessa a São Benedito. Conforme os relatos de seus descendentes, a promessa consistia em que, caso o santo a curasse, ela construiria, no lugar de moradia, uma igreja em sua homenagem.

Pouco tempo depois de se instalarem, a ferida da perna de tia Eva tinha sumido. Milagre logo creditado a São Benedito. Com a perna curada, tia Eva cumpriu sua promessa, construiu a “igrejinha”⁴ de São Benedito, de pau-a-pique, próxima à sua casa. Conforme me relatou Seu Sérgio Antônio da Silva, o Seu Michel, *“aí então por essa graça alcançada, que ela teve uma ferida curada, então ela construiu a igrejinha de madeira e em 1919 ela fez essa de alvenaria e nós estamos aqui até hoje dentro dela”* (Entrevista realizada em 22/05/2013).



Foto nº 01 - Seu Augusto pintando a igrejinha - 17/05/13

Em 1906, a igrejinha de São Benedito, no córrego Segredo, região do Cascudo, era a segunda igreja erguida no município, sendo que, a primeira a ser construída, foi a igreja de Santo Antônio, no ano de 1875. Por causa dessa igrejinha, o local começou logo a ser conhecido em Campo Grande como São Benedito.

Os percursos de tia Eva até chegar a essas terras revelam que esse local era um espaço do sagrado, constituído por meio da promessa feita no tempo da escravidão por tia Eva e São Benedito. Com as “graças de São Benedito”, tia Eva conseguiu reunir os meios para sair da fazenda, percorrer uma grande distância com sua perna ferida (durante a

⁴ Igrejinha é uma categoria local concernente à pequena igreja construída por Tia Eva.

migração, tia Eva carregava a estatueta de São Benedito⁵) e, posteriormente, ser curada dessa chaga. Conforme foi prometido ao santo, tia Eva encontrou a terra dos negros e construiu a igrejinha de São Benedito.



Foto n° 02 - Imagem de São Benedito no interior da Igrejinha – 27/05/2013

Conforme a fama de benzedeira, curandeira e parteira de tia Eva iam se espalhando, mais pessoas que possuíam problemas de saúde a procuravam. Dessa forma, tia Eva tornou-se uma referência na região de Campo Grande, conforme assegura Seu Michel:

Hoje a tia Eva foi uma grande herança aqui. Porque quando ela chegou aqui em Campo Grande, então aqui não tinha maternidade, padre aqui não tinha, o padre tinha que vim de Nioaque. Então ela se tornava a fazer um trabalho aqui de um ministro da igreja. Então quando morria alguém, ia atrás da tia Eva, quando nascia também era com a tia Eva. Então por isso que ela teve essa grande liderança. A minha mãe conta que quando ela faleceu a cidade parou como se tivesse morrido um governador. (Entrevista realizada em 22/05/2013).

No espaço criado por tia Eva, ela exercia o papel de sacerdote, sem a mediação da Igreja oficial. Nos momentos de dor ou de ameaça social, as pessoas a procuravam para receber uma oração ou uma benção, pois reconheciam nela um saber religioso eficaz para essas conjunturas. Sobre sua fama de benzedeira, Seu Michel relata:

⁵ Trata-se de uma estatueta de 15cm esculpida em madeira, atualmente encontra-se num espaço destacado dentro da igrejinha.

Era uma grande benzedeira. Eu já falei várias vezes, eu tenho um cunhado, ele até é pastor, ele me contou uma história que aconteceu com a tia Eva bem na porta dessa igreja. Uma senhora tava com uma dor de cabeça e não passava essa dor de cabeça, então ela pegou um copo de água, pôs ele na cabeça e benzia, disse que aquela água fervia como se tivesse no fogo. Aí ela jogou a água lá fora, nunca mais essa senhora teve dor de cabeça. (Entrevista realizada em 22/05/2013).

Nesse sentido, podemos perceber nas narrativas dos descendentes desses escravos que tia Eva foi idealizada como uma liderança religiosa. Os sacrifícios que viveu no cativeiro, as promessas que fez para São Benedito e o “dom” de benzer e curar doenças formaram uma imagem de tia Eva ligada diretamente ao campo do sagrado (PLÍNIO DOS SANTOS, 2014).

No ano de 1919, tia Eva, com a ajuda dos membros da Irmandade e dos devotos de São Benedito, conseguiu finalizar a edificação da igrejinha de São Benedito. A antiga estrutura de madeira foi substituída por uma de alvenaria. Nesse ano, no dia 13 de maio, teve início a primeira festa de São Benedito organizada pela própria tia Eva. De acordo com Dona Adair Jerônima, “*Nessa festa tia Eva renovou seus votos ao santo, e prometeu que haveria todos os anos festa ao santo. E prometeu também que todos os anos ela faria a festa e quando morresse seus descendentes iriam continuar com a festa*”. Dessa forma se inicia a história desta tradição na comunidade Tia Eva que perdura até os dias atuais, assunto que será abordado nos capítulos seguintes.

A ex-escrava Eva Maria de Jesus, tia Eva, faleceu em suas terras aos 78 anos de idade, no dia 11 de novembro de 1926. O corpo de tia Eva foi enterrado em frente à igrejinha de São Benedito. Em seu túmulo, os festeiros colocaram uma pequena placa de ferro com o seguinte dizer: “*Tia Eva, natural de goiaz, falecida a 11 de novembro de 1926, com 78 anos de idade. Tributo dos festeros de São Benedito no anno de 1927*”.

Após o falecimento de tia Eva, sua filha mais velha Dona Sebastiana Maria de Jesus assumiu a liderança espiritual e política da comunidade. Além disso, ela desempenhava as mesmas atividades de sua mãe, ou seja, ela era benzedeira, parteira e doceira. Ao perpetuar a imagem de sua mãe, Dona Sebastiana reforçava tanto os laços de coesão do seu grupo social como também os laços deste grupo com a Irmandade.

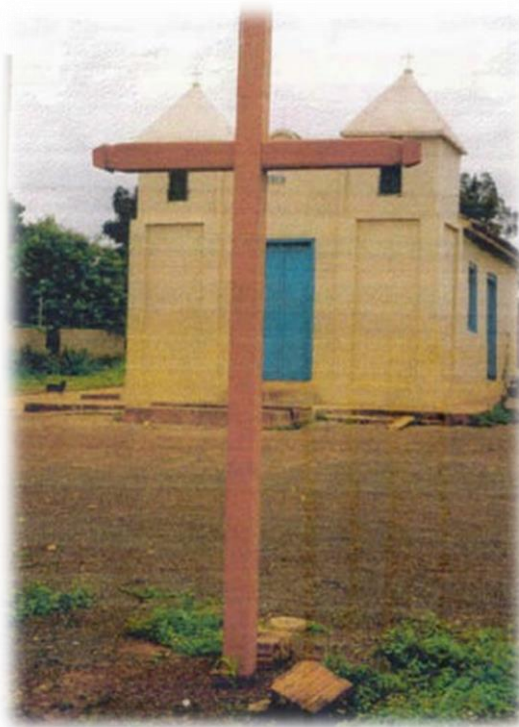


Foto n° 03 – Cruz que demarca o primeiro túmulo de tia Eva – Junho de 1998 - Foto de Eliane de Matos

1.4 Da antiga região do Cascudo ao atual Bairro Jardim Seminário

Em 1940, Campo Grande possuía 49.629 habitantes distribuídos entre a zona rural (25.150 pessoas) e a zona urbana (24.479 pessoas). Nesse censo, 3.230 pessoas eram negras, 2.177 eram amarelos e 36.085 brancos (CABRAL, 1999). A comunidade Tia Eva, localizada na parte norte do município de Campo Grande, continuava um lugar isolado, pois a cidade se expandia mais para o sul, saída para São Paulo, do que para o norte (ARRUDA, 2006).

No ano de 1941, foi assinado pelo prefeito de Campo Grande, Eduardo Olímpio Machado, o Decreto n° 39, de 31 de Janeiro de 1941. Tratava-se de um plano diretor de expansão urbana, que dividiu a cidade em zonas de construção: zona central, industrial, residencial e zonas mistas. Esse plano de expansão determinou que áreas antes tidas como rurais se transformassem em urbanas.

Como consequência desse decreto, iniciou-se o parcelamento das terras que eram utilizadas pelos descendentes de tia Eva para moradia e outras atividades, como plantar e coletar lenha. Essas terras começaram a ser vendidas para os padres da Missão Salesiana de Mato Grosso, que pretendiam fundar o Seminário Diocesano na região. Segundo Seu Otávio Gomes de Araújo:

Aquela época era um padre por nome padre Arcanjo. Padre Arcanjo foi o primeiro padre daqui, ele foi autorizado a comprar todas as chácaras. Ele vinha celebrar missa todo domingo aqui, então a igreja achava por bem tomar tudo aqui. Então um dia o padre Arcanjo, quando ele lutou, lutou, lutou, e não conseguiu comprar, aí discursou até um trecho bíblico dizendo: É vocês tão pensando que o Seminário vai tomar isso aqui? Aonde a gente não é bem tratado, tá na Bíblia, a gente bate a poeira do chinelo e sai, abandona o trabalho. Aí eles traziam banda de música, as freiras vinham pregar o Evangelho, os seminaristas vinham, aí tirou tudo! Ficou só a missa. [...]. Nessa época, foi que os padres quiseram tomar a igreja [São Benedito] da gente. (apud MORAES, 2003: 19)

Alguns dos parentes de tia Eva que possuíam terras nas áreas pretendidas pelos padres começaram a vendê-las. Segundo Dona Adair, o que motivou a venda foi a construção da Rua do Seminário, que passava do lado desse grupo camponês: “Eles perderam a força por causa da rua do Seminário. Não deu para eles não. Antes era um trieiro que existia, depois fizeram a rua, aí cortou os terrenos e as roças deles também”. Dessa forma, alguns dos descendentes de tia Eva foram forçados a saírem de suas terras, e o território tradicional de tia Eva foi reduzido. Com a construção do Seminário, a região que era conhecida como Cascudo foi denominada administrativamente de bairro São Francisco e, logo depois, bairro Jardim Seminário.



Foto nº 04 - Família de D. Narzira (bisneta de Tia Eva) - Década de 1960

No ano de 1954, famílias, como a de Dona Narzira da Cruz de Barros (bisneta de tia Eva e neta de Sebastiana) e Custódio Caetano de Barros, saíram das terras de tia Eva para trabalhar em fazendas no município de Campo Grande. Segundo Neuza Rosa dos Santos (filha de Dona Narzira), nascida em 1949:

Minha mãe teve 13 filhos, criou 10 porque morreu 3. A gente teve problemas, todo mundo sofria na pele aqueles problemas, aquelas coisas, trabalhava que nem doido. Por causa do quê que hoje em dia a gente tem esse vício, essa vocação pro serviço? Por que a gente foi criado de 7 anos em diante a gente já tava lá na roçinha de toco arrancando. Eu conto pra eles que a gente ia arrancar, meu pai ia pra roça com minha mãe, minha mãe levava umas coisas e uns panos, colocava em cima pra fazer uma sombra e colocava o neném no chão, forrava lá e aqueles que era pequeno ficava ali cuidando e ela trabalhando, meu pai e minha avó ajudando a fazer as coisas. Quando você já aguentava arrancar aqueles negócio, o broto, a brotação. Então a gente já tinha aquela responsabilidade, meu pai falava assim “tem que trabalhar sim, levanta, anda, não da conta de pegar numa enxada, pega logo vai arrancar, vai arrancar aqueles brotos. (Entrevista realizada em 27/05/2013).

No caso da família de Dona Neuza ocorre uma predominância do trabalho familiar, o qual vai além da família nuclear nas atividades ligadas à terra. Neste sentido, a família camponesa pode ser considerada tanto como uma unidade de consumo quanto de produção. Para garantir a sobrevivência da família várias estratégias e mecanismos de ajuda mútua foram acionados, como é o caso do pai de Dona Neuza ao chamar parentes para o trabalho nas fazendas:

Minha avó falava “não Custódio, esse menino tá muito pequeno”, “que pequeno nada, é de novo que torce o cipó, se torcer depois de velho ele quebra”. Quando moça eu já tava pegando enxada, já ia todo mundo, nós limpava roça, fazia roça, pegava enxadão, cortava de machado, derrubava árvore, tirava palmito. Sei cortar de machado, a gente sabia fazer todo tipo de serviço que os homens faziam, pegar numa foice, roçar. [...]. Você tinha que saber fazer aquilo, meu pai pegava, às vezes pegava cedo pra fazer a gente ia ajudar a esticar arame, tinha que ajudar a fazer, nós éramos as mais velhas, as duas mulheres eram as mais velhas, nós fazia tudo, roçava com ele, ele deixava aquelas partes mais baixa pra gente roçar e ele pegava a parte mais alta. (Entrevista realizada em 27/05/2013)

Nesse caso, o processo de trabalho camponês era dirigido pelo “pai-patrão”. Conforme análises de Ellen Woortmann e Klaas Woortmann (1997: 12-13):

Na hierarquia da unidade produtiva, o pai de família (no plano público) governa a família porque governa a produção; governa o processo de trabalho porque “domina” o saber. O saber ‘técnico’ é, portanto, fundamental para a reprodução da estrutura social. [...]. O ‘pai-patrão’ [...], é detentor de um saber que o autoriza a governar o processo de trabalho, isto é, a dirigir o trabalho da família. Esse saber é transmitido à ‘força de trabalho’, aos filhos que, ao trabalhar, estão-se constituindo também em ‘conhecedores plenos’.

Discorrendo sobre como era a vida nas fazendas em que morou, Dona Neuza relata:

Na fazenda do Seu Celso tinha muito arrendatários, né, que são aquelas pessoas que tocavam fazenda antigamente com terra lavrada, era mais estrangeiros que chegavam aqui e tocavam, né. Eles tinham dinheiro, comprava as terras e depois contratavam os arrendatários, né. Aí meu pai começou também a tocar lavoura. A gente tinha terra, tinha nosso quintal, tinha a nossa parte onde a gente tocava roça, plantava mais coisa de verdura, coisa de casa. A gente plantava lavoura de arroz, plantava, colhia, né. A gente chegou a ter 32 hectares de terras de lavoura de arroz. Aí teve um acidente, caiu um raio na nossa casa e queimou tudinho, né, e aí nós ficamos numa situação difícil, abandonaram a gente. O gado do fazendeiro comeram grande parte da nossa lavoura, aí ficou difícil, porque a gente não tinha condições de pagar a metade que era do dono das terras, aí o fazendeiro começou a mandar a gente sair [...]. Aí meu pai cansou e fomos morar lá pra Aquidauana, tocar um garimpo, aí eu sei que eu me desentendi com o meu pai, resolvi tirar minha mãe daquela vida, trazer as crianças e vim embora pra cidade, meu pai não gostava da cidade e ficou no garimpo com outros dois irmãos. (apud PLÍNIO DOS SANTOS, 2012: 293)

A partir dos relatos de Dona Neuza, percebe-se a polarização das relações sociais no meio agrário, onde o fazendeiro possui o domínio legal das terras, e, o agregado, apenas a força de sua mão de obra para produzir naquelas terras. Quando essa relação, geralmente conflituosa, deixa de ser lucrativa para o dono das terras, ocorre a expulsão e substituição da mão de obra. Os diversos deslocamentos da família de Dona Neuza, como de outras famílias das terras de tia Eva, demonstram a extrema instabilidade dos contratos de trabalho no campo.

Em 1955, faleceu nas terras de tia Eva Dona Sebastiana Maria de Jesus, filha de tia Eva. Antes de morrer, como herdeira das tradições religiosas de tia Eva, passou a responsabilidade de cuidar da igreja de São Benedito e da festa desse santo para sua filha Catarina Maria de Jesus, a qual também foi introduzida, por sua mãe, na prática do benzimento. Sobre a doença e o posterior falecimento de Dona Sebastiana, Dona Neuza Rosa dos Santos (bisneta de Sebastiana), testemunha dos fatos, afirma:

A vovó Sebastiana tinha a casa dela, exatamente onde é a minha aqui, e a dele era lá, naquele lugar, só que em posições diferentes né. Aí a minha avó ficou doente, quando ela teve derrame, ela tinha ido catar lenha no mato, catar lenha pra cozinhar e ela teve um derrame lá no mato. Trouxeram ela, eu me lembro muito bem, eu tinha 6 anos. Então elas trouxeram ela numa rede, hasteada num pau, ficou numa cama, ficou seis anos numa cama. Eu fiquei um tempo com ela. Ela ficou na cama por muito tempo. Não andou mais né. Mas eu ainda me lembro quando ela andava, que ela socava arroz com pilão, eles tinha um pilão bem comprido. (Entrevista realizada em 27/05/2013).

Sobre sua relação com Catarina Maria de Jesus, Dona Neuza relatou o seguinte:

Eu gostava muito da minha avó também, a Catarina, eu ficava muito aqui na casa dela. Aí, depois que eu fiquei mais velha e comecei a trabalhar, meu pai não deixava mais a gente ficar assim, só ficava em casa. Ela que ensinava a costurar, ela ensinava a bordar, ela ensinava a fazer comida, ela ensinava a lavar uma roupa, ela ensinava a varrer quintal, de tudo que você pode imaginar. É uma das coisas que eu falo, família, avó é uma parte muito importante na vida da gente. (Entrevista realizada em 27/05/2013)

Assim como sua mãe, Dona Catarina assumiu suas atribuições perante a comunidade. A força centrípeta de tia Eva, D. Sebastiana e D. Catarina foi responsável pela coesão do grupo, pois os descendentes dessas mulheres, mesmo dispersos, não perderam sua linha de referência materna. Os mais idosos, principalmente as mulheres, conseguem descrever as ligações genealógicas que os une uns aos outros, de forma a remontar, por uma linha genealógica ininterrupta, suas ligações com as filhas de tia Eva e, como consequência, com a própria tia Eva. Logo, pode-se dizer que há um perfil matrilinear que marca essa comunidade.

Figura nº 1 - Sítio de Tia Eva (até os anos 1970)



As terras de Tia Eva, as quais representavam um Sítio, espaço onde se reproduzem socialmente várias famílias de parentes, descendentes de um ancestral comum (WOORTMANN, K., 1990), tinham como núcleo centralizador a casa da família mais

velha, no caso a de Dona Sebastiana Maria de Jesus (herdeira de tia Eva). Com o seu falecimento, a casa de sua filha, Catarina Maria de Jesus, herdou essa posição. Cada núcleo familiar que compunha o Sítio de tia Eva possuía suas terras trabalhadas por uma ou mais famílias.

1.5 Muros e espinhos

Na década de 1960, a população urbana de Campo Grande passou de 64.934 pessoas para 131.110 (PLANURB, 2005). Nessa década a expansão do perímetro urbano de Campo Grande, ocorrida por meio de decisões da Assembleia Legislativa municipal, incorporou áreas com características e dinâmicas próprias, como foi o caso do Sítio de tia Eva. Como consequência desse processo, o Sítio de tia Eva, onde era praticada uma agricultura voltada principalmente para a subsistência e para a comercialização de excedentes no mercado local, foi prejudicado pela abertura de uma rua cruzando o centro do Sítio, a qual foi dada o nome de Rua Eva Maria de Jesus⁶.

Segundo Seu Michel, essa rua⁷ foi criada pelo fato dos descendentes não possuírem a escritura definitiva do imóvel. Dessa forma, as medições dos lotes e os traçados de ruas e praças estariam sob responsabilidade da administração pública, ou seja, da prefeitura. O parcelamento realizado não só dividiu as terras como também, espacialmente, as famílias extensas. Como consequência, essas famílias tiveram que antecipar o processo de herança, subdividindo o lote original para os filhos casados e, assim, adequando-o às normas da prefeitura.

O parcelamento gerou problemas internos relacionados ao tamanho dos lotes, o que ocasionou acusações entre os parentes acerca de parcelamentos indevidos. Terras que eram utilizadas conjuntamente por grupos familiares tiveram que ser divididas. Esse espaço comum, ao ser parcelado, acarretou conflitos internos, pois era nesse espaço, representado por roças, por um campo de futebol ou mesmo área de passagem, que atividades coletivas eram realizadas. Desse modo, ao materializar o parcelamento, por meio de muros, houve uma quebra da moral camponesa que regia o grupo, a qual baseava-se no princípio da reciprocidade.

Após desistir de adquirir o Sítio de Tia Eva, a igreja católica tomou para si o controle da igrejinha e da festa de São Benedito de 1960 a 1975. Durante o tempo que a

⁶ Posteriormente foram criadas a Rua Canaã e a Rua Ciro Nantes da Silveira, as quais delimitam as laterais do Sítio de tia Eva.

⁷ Após a Rua Seminário, a Rua Eva Maria de Jesus foi a segunda rua construída no bairro Jardim Seminário.

igreja católica administrava a festa, ocorreu um problema de prestação de contas, como narra Seu Antônio Borges dos Santos (descendente de tia Eva):

Foi quando teve essa briga e o festeiro não prestou conta, e, por causa do dinheiro, o Frei achou que tava errado isso, porque não tinha prestado a conta, e não tinha nada a ver com a comunidade, que o festeiro não era da comunidade, escolhia o festeiro antigamente. [...]. Ele [o festeiro] cuidava da festa. Era sorteado, então como vinha muita gente de fora, ele administrava tudo da festa; financeira até, pra prestar conta. Esse festeiro não tinha prestado a conta, aí o padre brigou por causa disso, por causa de não prestação de conta. Mas o padre não tava ali, eu gosto de pensar que o padre ali não tava mexendo em prestação de conta, ele tava ali pra cuidar do espírito da pessoa e não do dinheiro. (Entrevista realizada em 18/05/2013)

Não satisfeita, a igreja católica queria administrar ininterruptamente a igrejinha de São Benedito, porém, como os descendentes de tia Eva recusaram essa proposta, a Diocese iniciou, no dia 14/04/1967, ao lado do Sítio de tia Eva, a construção da igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (foto n° 04). Sobre a relação da comunidade com os salesianos, Seu Antônio Borges dos Santos relata que:

Eram os padres salesianos que tomavam conta ali da comunidade e da igreja né. Apesar de que eles provocaram a divisão quando eles fizeram a outra igreja lá, a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Por que teve uma briga interna ali que a igreja na época queria tomar conta da festa, de tudo e a comunidade achou que não, que a festa era dela e que ela que tinha que tomar de conta. Então, teve essa divisão política e católica. [...]. Isso eu acho que prejudicou muito o relacionamento, porque praticamente a igreja católica passou uns 20 anos ou mais sem ir rezar a missa ali na Tia Eva, mesmo nos festejos. (Entrevista realizada em 18/05/2013).



Foto nº 05 - Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito - 17/05/2012

Ao nominar a igreja com santos cultuados pelos descendentes de tia Eva, a igreja católica tinha como objetivo atrair os fiéis que frequentavam a igreja e marcar sua posição de detentora “oficial” da fé cristã, assim como das edificações cristãs. Desse modo, as missas e outras atividades ecumênicas que eram realizadas na igreja foram transferidas para a nova igreja da Diocese.

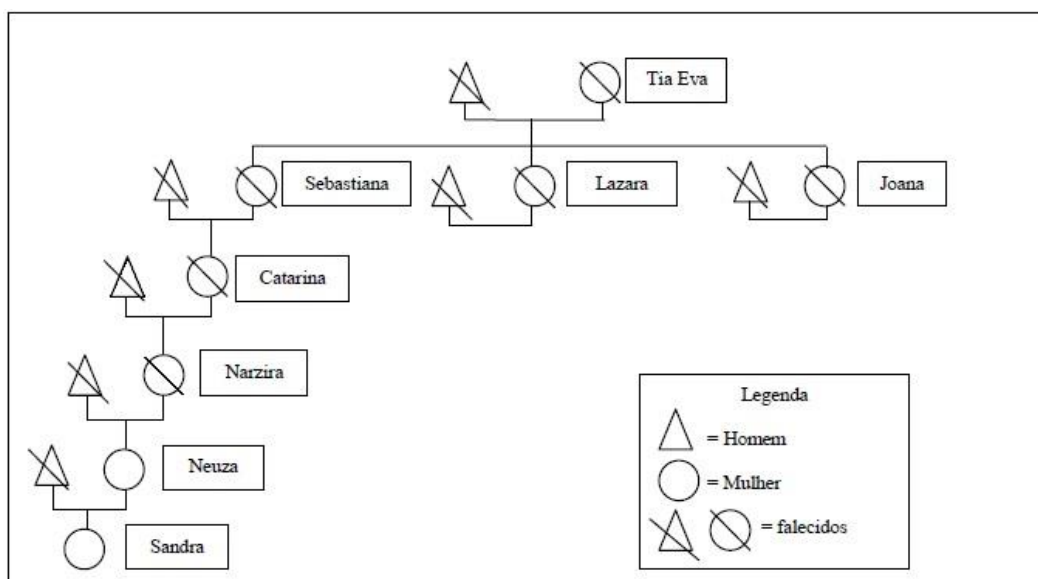
Criou essa igreja pra dividir a outra. “Eu não faço missa naquela mas faço nessa, entendeu”. Então essa foi a divisão no meu modo de ver que aconteceu ali. E nós bancamos o burro. Então assim, não militamos na época, Porque se a gente não vai pra dentro daquela igreja ela não tinha crescido também, entendeu. Levamos até tijolo, tudo, ajudamos a construir a igreja, sem perceber que aquilo era uma divisão pra enfraquecer a nossa, lá de baixo. Então a criação daquela igreja foi mais pra isso. (Entrevista realizada em 18/05/13)

Durante essa intriga, faleceu, em 1975, Dona Catarina Maria de Jesus (neta de tia Eva). Segundo Seu Antônio Borges dos Santos, após o falecimento de tia Tita, como era conhecida Dona Catarina, seu filho, Seu Sérgio Antônio da Silva, procurou os padres para que realizassem o velório. Entretanto, por não terem cedido a administração da igreja de São Benedito e nem os recursos obtidos da festa desse santo para a igreja católica, eles não fizeram o velório:

E aí por causa dessa briga que teve a festa, que foi até com seu Michel que era um dos coordenadores, o padre falou que nunca mais ia entrar na igreja. E aí um dia a mãe do seu Michel morreu, eu era líder de grupo de jovem, frequente ali, e esse Frei Miguel, nós pedimos pra ele dar a bença no corpo, isso é um negócio que ninguém lembra mas isso daí prejudicou muito a igreja católica dentro da comunidade, aí ele pediu que tirasse o corpo da tia Tita de dentro da igreja que ele não ia entrar na igreja por que não tinham prestado a conta da festa. Tivemos que tirar o corpo para ser abençoado e levar pra debaixo da mangueira, lá ele abençoou, mas não entrou dentro da igreja. O padre não entrou dentro da igreja.[...]. Então essa é umas coisas que muitas vezes você vai procurando saber o que aconteceu mas, se você analisar, tem muitas coisas que aconteceram e que atrapalham hoje em dia o avanço da religião católica. [...]. Porque a igreja católica poderia ter avançado muito mais dentro da comunidade se tivesse, se pegasse a festa como tradição, ia discutindo devagar, porque eles chegavam com imposição, ainda bem que tinha o seu Michel que não aceitou a imposição deles, se não, acho que hoje em dia essa festa tradicional tinha acabado. Então isso pra mim é um sinal de resistência, e eu era guri, participei. (Entrevista realizada em 18/05/13).

Com o falecimento de Dona Catarina Maria de Jesus, sua filha, Dona Narzira da Cruz de Barros, não pôde assumir a responsabilidade da igreja nem da festa de São Benedito, pois nessa época morava com sua família numa fazenda distante da comunidade Tia Eva. Durante esse tempo, Sérgio Antônio da Silva, o Seu Michel, filho de D. Catarina, assumiu esta tarefa. Anos depois, D. Narzira, após seu retorno, começou a coordenar a parte religiosa da festa, e, seu irmão, Seu Michel, coordenou a esfera administrativo-política da festa.

Figura nº2 - Quadro genealógico parcial de tia Eva



Dessa forma, as atividades em prol do santo retornaram para as mãos de uma mulher, padrão que começou com tia Eva, passou por sua filha Sebastiana Maria de Jesus, continuou com sua neta Catarina Maria de Jesus e prosseguiu com sua bisneta Narzira da Cruz de Barros. Além da coordenação da festa de São Benedito, as quatro têm em comum a grande devoção ao santo e o ato de benzer, o qual foi passado, nessas quatro gerações, de mãe para filha.

1.6 O processo de urbanização

Na década de 1970, ocorreu a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, resultante do desmembramento da área de Mato Grosso. O então Presidente da República, General Ernesto Geisel, assinou no dia 11 de outubro de 1977 a lei complementar nº. 31, que escolhia Campo Grande para ser a capital desse novo Estado.

Com essa escolha, a comunidade Tia Eva assumiu uma posição estratégica em relação às outras comunidades negras rurais, pois ela se configurou em um lugar de passagem que recebia frequentemente membros dessas comunidades. Caso semelhante foi observado por Plínio dos Santos (2014) entre os “Negros da Picadinha”, no sentido de que esta comunidade estava localizada na única estrada que ligava Dourados a Maracaju, rota obrigatória para os membros de sua rede-irmandade quando saíam de Maracaju em direção a Dourados.

Após a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, ocorreu um grande crescimento da capital Campo Grande, consequência de interesses econômicos e políticos.

Os índices de crescimento demográfico chegaram a 8,02% ao ano e a migração se intensificou com a nova situação da capital, aumentando a procura por imóveis e áreas (ARRUDA, 2006: 162).



Foto nº 06 – Rua Eva Maria de Jesus sem asfalto – 1998 - Foto de Maria Bernadete Siqueira Loureiro

Com o desordenado crescimento da área urbana de Campo Grande, o Sítio de tia Eva “foi perdendo as características de área rural e ganhando aspecto de bairro periférico, sem pavimentação nas ruas, sem água encanada, sem luz elétrica, sem escola e sem posto de saúde.” (MORAES, 2003: 22). Sobre os problemas dessa época na área de tia Eva, Dona Neuza Rosa dos Santos afirma:

Muita gente falava que aqui era dos negros, né, que nós era os mais desfavorecidos, os mais pobres, eles diziam, né. Mas a comunidade era vista como lugar de negros, de pobres, de fracos, né. Que aqui era uma favela, porque aqui não tinha água, luz e outros benefícios, né. Mas aqui não era favela não, na realidade aqui nunca foi favela, né, era uma sede de famílias, mas não era favela. (apud PLÍNIO DOS SANTOS, 2012: 307)

No final da década de 1990, Dona Irazy Pereira Caovilla, uma devota de São Benedito que teve uma graça alcançada, comprou o lote de Seu Otacílio Antônio dos Santos (neto de Dona Sebastiana Maria de Jesus). Após a compra, Dona Irazy doou o lote para a prefeitura municipal de Campo Grande com a promessa de que ali seria erguida uma escola. Conforme assegura Seu Michel,

Esse terreno do colégio aí, isso aí também foi promessa, pessoas que tavam com problemas mental e aí lembrou da graça alcançada que a tia Eva teve aqui, sempre pensando na tia Eva, em Deus, falou que se ficasse bom ia comprar um terreno e doar, como de fato comprou o terreno e passou aqui pra Associação e a Associação passou pro Governo pra construir esse colégio, então foi através de graça alcançada. (Entrevista realizada em 18/05/13).



Foto nº 07 – Construção da Escola Estadual Antonio Delfino Pereira – 1998 - Foto de Maria Bernadete Siqueira Loureiro

No ano de 2001, a escola, já construída, iniciou suas atividades e recebeu o nome do pai da doadora, Antônio Delfino Pereira. Sobre o nome da escola e a sua falta de identificação com a comunidade, Seu Antônio Borges argumenta que:

A dona comprou o terreno, doou pra fazer a escola mas só daria o terreno se a escola fosse colocada o nome do pai dela. Isso não é dar nada pra ninguém, isso é impor, “eu to te dando mas você tem que fazer isso” isso não é doar nada pra ninguém.[...]. E aquela referência ali, aquela escola tinha que chamar Eva Maria de Jesus, Tia Eva. Quer dizer, Antônio Delfino você pergunta quem que é, ninguém conhece. Então essa falta de referência é muito ruim pra comunidade. Ele não tem ligação com a comunidade, nunca teve, ninguém o conhece, isso é uma coisa que ficou ruim pra comunidade. (Entrevista realizada em 18/05/13).

Figura nº 3 – Imagem aérea da comunidade Tia Eva



No dia 5 de maio de 1998, a Igreja de São Benedito recebeu o definitivo tombamento como parte do Patrimônio Histórico de Mato Grosso do Sul, pelo governo do Estado. No interior da igreja de São Benedito, estão localizadas as imagens desse santo (foto nº 2), trazida por tia Eva de Jataí/GO, e os restos mortais da ex-escrava tia Eva, enterrados próximos à entrada principal da igreja. As imagens presentes na igreja são vestígios palpáveis que remontam à tia Eva e conseqüentemente à escravidão. Esses elementos são formas de atualizar comportamentos, criando e recriando uma identidade particular para os descendentes de tia Eva.

Conforme foi destacado, originalmente haviam três núcleos familiares no Sítio de tia Eva, e cada núcleo representava uma de suas filhas. Posteriormente, o Sítio foi dividido em lotes que, com o passar dos anos, foram subdivididos. Nesse território se reproduzem socialmente as famílias de parentes, descendentes de tia Eva. No dia 29 de fevereiro de 2008, a comunidade Tia Eva recebeu o certificado da Fundação Cultural Palmares de comunidade remanescente de quilombo. Desde então, vem reivindicando a regularização fundiária do território original de tia Eva.

CAPÍTULO II

A FESTA DE SÃO BENEDITO

“O foco está nas festas. Nas festas como fato e como questão [...]. E que, por isso mesmo, se constituem em verdadeira perspectiva a partir da qual se penetra – com o perdão pela linguagem objetificadora – nas religiões, nas construções da infância e da juventude, na organização dos tempos, nas artes, na política, nas histórias, nas morais, no turismo, no trabalho, na loucura, na violência, na organização retórica. Tudo isso ganha nova luz.”

Otávio Velho

No território de Tia Eva as manifestações culturais e religiosas são elementos bem marcantes e podem atualizar diferentes relações que compõem e recompõem o tecido social da comunidade. Desta maneira, ordenam e reordenam o lugar dos personagens sociais em cena e permite manifestar o sentimento de identidade e de pertencimento.

Neste capítulo, a identidade do grupo é abordada por meio das ideias e valores que manifestam nas festas, tratadas aqui como ritos, onde celebram sua vida social. Tal artifício favorece a apreensão da maneira como o grupo expressa, comunicativamente e performaticamente, a sua identidade, que tem em suas práticas sociais a base a partir da qual constrói, contrastivamente, a sua identidade. De acordo com Radcliffe-Brown ([1952] 1973: 196):

Os ritos podem ser vistos como as expressões simbólicas moderadas de certos sentimentos. Podem mostrar, portanto, terem função social específica quando, e na medida em que, tenham por efeito refrear, manter e transmitir de uma geração a outra sentimento dos quais a constituição da sociedade depende.

Para Durkheim (1996), os rituais⁸ são atos da sociedade, “*meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente*” (DURKHEIM, 1996: 422). A categoria *festa* expressa os *atos de sociedade*, ou seja, ela é analisada como um fenômeno social que contém uma representação da sociedade, mas que não é essa representação. Sendo, antes de tudo, a *sociedade em ação*, que se experimenta ao fazer partilhar coletivamente suas ideias e valores. As festas constituem-se enquanto um tipo de ação social coletiva que, no calendário anual de uma dada sociedade, é prevista, previsível e repetida. Sendo também um espaço social e um tempo social extraordinários onde ideias e valores se tornam mais nítidos e perceptíveis que em outras situações sociais ao serem festejados pelo conjunto de indivíduos de uma dada sociedade.

Segundo Peirano (2000), o estudo de rituais, tema clássico da antropologia desde Durkheim, assume um especial significado teórico e, menos óbvio, político, quando transplantado dos estudos clássicos para o mundo moderno. Nessa transposição, o foco antes direcionado para um tipo de fenômeno considerado não rotineiro e específico, geralmente de cunho religioso, amplia-se e passa a dar lugar a uma abordagem que privilegia eventos que, mantendo o reconhecimento que lhes é dado socialmente como fenômenos especiais, diferem dos rituais clássicos nos elementos de caráter probabilístico que lhes são próprios.

2.1 Catolicismo popular e o culto aos santos no Brasil

Diversos autores como Brandão (1987), Costa (1999) e Porto (1997), têm realizado estudos de festas religiosas, enfatizando, sobretudo, as dimensões do ritual, tais como a estrutura interna de relação entre as categorias sociais que os realizam e dessas com a sociedade envolvente.

Como ocorre em muitas comunidades camponesas a religiosidade é marcada pelo culto aos santos, eles são mais venerados do que Cristo ou a Virgem, apesar da importância do culto a Maria. A mesma observação obteve Wall (1998) quando estudou os camponeses do Baixo Minho em Portugal, onde também os santos são escolhidos como interlocutores privilegiados, como intermediários das graças desejadas.

⁸ Grimes chamou atenção para a oposição entre ritual e cerimônia, aquele associado aos processos de transição e transformação e esta a ações confirmatórias; há ainda a flutuação da ideia do dramático como uma qualidade funcional do ritual ligada às situações de conflito social. (GRIMES, 1990: 142-144)

Para Costa (1999: 33), o culto ao santo é fundamental na vida religiosa e evento central em torno do qual a festa se estabelece na vida do grupo. Porém, ao culto estão anexadas funções necessárias à reprodução social da comunidade, ou seja, o pertencimento ao grupo e a posse do território onde seus membros se encontram localizados. Segundo Costa (1999: 118) que estudou as festas religiosas na comunidade Conceição das Crioulas, no norte de Minas Gerais,

o culto ao santo, cujo objetivo e função, como discutido por Pereira de Queirós (1976) tem por fim agradecer ao santo uma graça alcançada, manifesta-se como uma forma de agregação a uma coletividade, que expressa sua solidariedade familiar e grupal através da ajuda mútua entre seus membros, exteriorizada concreta e visivelmente na organização de suas festas. Estabeleça com ele relações de tipo familiar, tornando-o assim um santo pessoal, próximo, visível, quase humano e sua imagem torna-o presente no desenrolar da existência do indivíduo, da família e da coletividade. O santo é, ao mesmo tempo, natural e sobrenatural, pela imagem de argila e por sua essência, respectivamente, o que possibilita aos homens por sua dupla condição, exercer sobre ele alguma influência. O enunciado “agir sobre a imagem é agir sobre o santo”, constitui-se a base, a partir da qual se construíram práticas de manipulação dos santos.

Essa prática tem início por meio dos missionários e exploradores com a colonização portuguesa no Brasil, aos poucos povoando o imaginário do povo brasileiro em suas relações com o sobrenatural e formando em nosso país um catolicismo de caráter pragmático, popular. Em outras palavras, o catolicismo oficial, voltado para a salvação da alma, fará frente a um “catolicismo de santos”. Os santos, cada um com sua “especialidade”, serão os companheiros de jornada nesta vida, auxiliando ou impedindo projetos e sendo, por consequência, “recompensados” pelos fiéis com festas, romarias, pagamentos de promessas e procissões, ou então “punidos”, seja com blasfêmias, seja com “castigos” impetrados nas imagens.

As festas de cunho religioso, como o congo, as novenas e o reisado, são também rituais de interação que agrupam pessoas por interesses comuns, e que estabelecem o princípio da reciprocidade. Relações de reciprocidade nas festas religiosas foram observadas também por: Santos (2001), na festa de Nossa Senhora Imaculada da Conceição, em Rincão dos Pretos no município de Rio Pardo/RS e por Costa (2006), na festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, na Serra do Salitre/MG.

2.2 Organização e preparativos

Antes do início oficial das festas de São Benedito, é comum que sejam realizadas reuniões entre os participantes, onde ocorrem importantes discussões sobre o planejamento e a organização do evento. Dessas reuniões também são escolhidos os nomes das pessoas que serão responsáveis por diversas funções, conforme afirma Dona Adair,

Naquele tempo todo mundo ia ajudar, e quando era assim, por exemplo: quando era pra sair a festa, como saiu agora, um mês antes de começar a festa, a vovó fazia uma reunião com todos os descendentes lá dentro da igreja, fazia aquela reunião. Porque naquele tempo não existia salão, aquelas festa saía debaixo dos pé de manga. Então, aí saía, reunia todo mundo dos descendentes arrumava um cargo pra fazer né, aquele tempo nós aqui não tinha patrola essas coisa, aqui tinha a estrada onde saía a procissão, era ali que a turma, na reunião, já pegava a turma que ia arrumar a rua, um pegava o enxidão, outro pegava uma pá ou enxada pra arrumar a rua assim pra procissão passar. Agora nós tem a patrola da prefeitura. Então, era aquela união, tinha os pessoal de arrumar a estrada, tinha a turma que ia arrumar as madeira, as lenha da fogueira, e tinha quem vai arrumar o pau do mastro, tem um mastro pra levantar a bandeira. (Entrevista realizada em 22/05/2013)

Na festa de 2013, Dona Adair estava encarregada de cuidar do mastro, que seria erguido no último dia da novena, com a Bandeira de São Benedito. Na ocasião da entrevista, Dona Adair buscava um novo mastro para erguer a bandeira, uma vez que o anterior havia sido pego por uma família para servir como suporte para um telão:

Então eu guardei ele lá [o mastro], mas ele não tá lá mais, eu to vendo ele parece que lá naquela casa penduraram um telão nele, e agora eu não sei o que que vai fazer, não tem o mastro, o mastro ta lá ó. Então, e agora eu to feia, não sei o que eu vou fazer a bandeira ta aí arrumadinha já, agora tá faltando o pau do mastro pra sábado, é sábado que acontece esse evento né. (Entrevista realizada em 22/05/2013)



Foto nº 08 - Dona Adair com a bandeira de São Benedito – 17/05/13

Os preparativos para a Festa de São Benedito envolvem também atividades pouco percebidas pelos participantes. Dona Adair pediu para que seu sobrinho Ewerton Lopes de Souza, também conhecido como Del, saísse em busca de um novo mastro para o hasteamento da bandeira de São Benedito. Já Augusto, sobrinho de Seu Michel, se encarregou de pintar a igrejinha, reforçando suas cores azuis e brancas. No salão comunitário, eram as mulheres da família que gerenciavam os recursos e preparavam o espaço para a festa. Dessa forma, diversas funções na organização do festejo ficam a cargo dos descendentes de tia Eva, pois é no meio familiar que fica assegurado a confiança e a certeza de que o trabalho vai ser realizado.

Nas antigas festas de São Benedito, era comum que se sorteasse a pessoa ou o casal que se encarregaria da organização da festa, chamado de festeiro. Sobre o festeiro, Dona Adair Jerônima me contou que “(...) *antigamente nas festa tinha um sorteio, botava o nome das pessoa tudo, aí na hora que terminava tinha o sorteio de qual ia ser o festeiro do ano que vem, o casal. (...) Tinha isso. Mas quando tem alguma pessoa que têm vontade e chega na hora da missa antes do padre chegar e já fala e põe o nome, ainda sai né. Mas tem muita gente que não ta interessada mais na festa mais não, de ser festeiro, tem que ter aquele compromisso.*” Após a criação em 1984 da Associação Beneficente dos Descendentes de Eva Maria de Jesus – Tia Eva, grande parte da festa tem sido coordenada pelo presidente e diretores dessa associação.

2.3 A esmola e a patrola

Nos tempos de tia Eva, um grupo de parentes saía com o mastro de São Benedito com o objetivo de arrecadar recursos para a festa. Sobre as “esmolas”, como eram chamados os recursos arrecadados, Dona Adair Jerônima da Silva relata:

Ah, essas coisas de festa, esses fazendeiros antigos, acho que até já morreram, traziam também. Dava vaca, dava porco, ovos, galinha. E muito assim da esmola que tirava comprava arroz, comprava as coisas pra cozinhar né, lata de banha, tudo essas coisas. Muitas coisas ganhava e muitas coisas comprava. (Entrevista realizada em 22/05/13)

Segundo Costa (1999: 154):

A doação de esmolos possibilita aos devotos concretizarem coletivamente um sistema de prestações totais - a retribuição necessária no contrato de obrigações mútuas, estabelecidas entre o mundo sagrado e o mundo profano e no interior deste entre os homens que o compõem. Por meio do santo, os homens continuamente reafirmam os compromissos sociais que propiciaram organizarem essa coletividade específica, cuja trajetória histórica é comum a todos e que ultrapassa a comunidade dos devotos do santo.

Tempos atrás ainda era comum, durante as festas de São Benedito, que fossem feitos leilões para arrematar parte da arrecadação. De acordo com Dona Adair:

As nove noites de festa tinha leilão, leilão bom, de valer! (...) Faz muito tempo, ta com mais de uns 10 anos já que parou com isso. Mas ainda dá pra fazer, pra dar continuidade. De primeiro o pessoal trazia muita prenda, trazia prena pra festa, quando vinha na novena já trazia a prenda. Tinha um quarto grande com uma mesona assim cheia de prenda só pro leilão. Mas acabou, ninguém traz mais nada, não traz prenda, não traz mais nada, então acabou. Foi muito bom aqui. (Entrevista realizada em 22/05/2013)

Ao analisar as festas na comunidade de Conceição das Crioulas Costa (1999: 132) também observa a arrecadação de bens materiais que serão utilizados em um leilão ao final da festa ao santo, ela afirma que,

Os leilões, como largamente discutido nos estudos que enfocam a relação santo padroeiro x camadas populares nos países de formação latina, constitui-se em um compromisso baseado na reciprocidade entre as partes, refletindo o contrato social existente entre os homens. A reciprocidade inerente a esses contratos não caracteriza apenas uma prática social vigente nas sociedades de pequena escala, mas principalmente, numa das condições que o princípio de igualitarismo comunitário requer para que a vida social possa processar-se entre os membros de dado agrupamento humano.

Após a criação da Associação Beneficente dos Descendentes de Eva Maria de Jesus, a comunidade de Tia Eva conseguiu o patrocínio da prefeitura com alguns elementos da festa de São Benedito, como: segurança, limpeza, iluminação, bandas e divulgação. Sobre a feitura da festa e a época que não havia patrocínio, Seu Michel me relatou que:

[a festa de São Benedito] não é uma festa que é feita pra arrecadar dinheiro, é feita mais pra manter a parte religiosa. Agora você vende bebida, você tem que vender porquê você tem água, tem luz pra pagar. Mas a festa de uns 10 anos pra cá melhorou muito porque, eu fiquei 50 anos aqui. Então um tempo difícil que não tinha patrocínio, não tinha nada né. Então você tinha que pagar música. Agora, depois que eu fiz a Associação, então agora o Estado patrocina três dias de música, a prefeitura também três dias né, então isso aí ajuda muito. Porque hoje cada músico vai cobrar mil e poucos reais pra fazer uma festa, então isso aí ajudou demais. (...) É porque hoje aqui é tombado como patrimônio histórico, então os órgãos públicos geralmente são obrigados a ajudar. É tombado como patrimônio histórico. (Entrevista realizada em 18/05/13)



Foto n° 09 – Rua Eva Maria de Jesus asfaltada – 26/05/2013

Figura nº 4 - Programação da 93ª festa de São Benedito



2.4 Missas de abertura

A missa, como rito inicial, abre formalmente o tempo-espaço da festa, especificamente o ciclo do religioso, que se encerra também com uma missa. Percebi, posteriormente, que diversas pessoas que não participam dos outros dias da festa compareceram à missa, como jornalistas, políticos e outros grupos integrantes de comunidades quilombolas. Durante as missas que acompanhei nas festas de São Benedito, observei que naquele espaço havia uma baixa presença de jovens da comunidade, sendo predominante a presença dos descendentes mais velhos. Nas duas missas de abertura que estive presente, observei que membros da comunidade quilombola São João Batista integravam a banda musical que acompanhou a missa; foram utilizados instrumentos

pouco convencionais nesse tipo de solenidade religiosa, como os tambores⁹. Portanto, além de um rito religioso, a missa é um momento onde uma diversidade de relações de aliança e reciprocidade são atualizadas.



Foto nº 10 - Padre Damião durante a missa de abertura – 16/05/13

Diferentemente da missa que aconteceu na festa do ano de 2012, regida por um padre salesiano, a missa de 2013 contou com a presença do padre Damião, que chegou às pressas no salão porque o outro padre não pode vir. O padre Damião é integrante do Movimento Negro¹⁰. Sendo assim, tratou a comunidade com um tom de maior proximidade, uma vez que compartilham de uma identidade comum.

O padre procura utilizar os seus momentos de maior intervenção na festa para produzir uma *versão atualizada* dos significados dos festejos. Dentre seus sermões, o padre Damião abordou temas como identidade e ações afirmativas. Além disso, criticou o utilitarismo religioso e aqueles que só vinham à festa para irem aos bailes. Padre Damião também abriu um espaço para que as pessoas realizassem oferendas; elas eram escritas em papel e depositadas em um cesto em frente à mesa/altar onde se encontrava o padre.

Ao contrário da novena que é um rito religioso de cunho mais familiar, a missa traz consigo um compromisso com a formalidade eclesial, com a instituição e, portanto, com o externo; aquilo que é genérico. No entanto, a presença do padre Damião

⁹ O uso de tambores em missas também acontece na Comunidade Remanescente de Quilombo São João Batista em Campo Grande/MS, onde é chamada “missa-afro”, durante a festa em homenagem a São João Batista.

¹⁰ Segundo Plínio dos Santos (2014), o Movimento Negro no Mato Grosso do Sul tem origem nas décadas de 1970 e 1980 e está atrelado a um grupo de pessoas, de distintas gerações, que mantinham algum tipo de interação e que prosseguem se articulando até os dias atuais. Cada pessoa desse grupo, influenciada geralmente por familiares, constituíram, em diferentes momentos, uma consciência política de sua negritude. As articulações internas desse grupo formaram a primeira entidade de discussão sobre as relações raciais nesse Estado e, posteriormente, influenciaram a formação de outras entidades de defesa dos direitos do negro.

fez com que o rito envolvesse elementos mais próximos da comunidade. Além disso, o fato de a comunidade ter acionado um membro do Movimento Negro reafirma a rede de cooperação dos negros no Mato Grosso do Sul.

2.5 A novena/terço

A novena ou “o terço”, como é chamado pelas pessoas da comunidade, se inicia no dia seguinte à abertura do evento. O terço é anunciado pelo toque de um sino que se encontra na Igrejinha é tocado pontualmente às 18h, às 18h30min e, por fim, às 19h, quando é dado o início da novena.

O rito se inicia com a reza do credo, que é proferida coletivamente por todos. Após o credo, reza-se o primeiro pai nosso, de forma a que alguém, sozinho, reza a primeira parte que vai até o trecho “assim na terra como no céu”, aí todos juntos continuam “*o pão nosso de cada dia nos dá hoje*”. Ao terminar o pai nosso, são rezadas 5 ave-marias, da mesma forma como o pai nosso, em que um indivíduo reza a primeira parte e depois todos juntos rezam a segunda parte. Quando um indivíduo dá início à oração da ave-maria, ele tem de rezar as próximas quatro ave-marias em sequência. Após rezar o pai nosso e as cinco ave-marias, é feita uma breve oração, que encerra o primeiro ciclo de orações e essas obedecem a seguinte ordem:

“Gloria ao pai, ao filho e ao espírito santo” [faz-se o sinal da cruz no corpo];
“Como era no princípio, agora e sempre, amém”;
“Louvemos noite e dia os nomes santíssimos de Jesus”;
“Oh meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas para o céu(...)”.

Ao fim da última oração, a pessoa que a iniciou cita o nome de um ou dois santos, às vezes três, e todos respondem “*rogai por nós*”. Em sequência, se canta um trecho do Canto 1, transcrito abaixo. Ao todo são seis trechos e o canto é sobre São Benedito. Durante as partes musicais do culto, como é o caso dos dois cantos, a música era acompanhada por um único violão. O rito se encerrou com a oração da “Salve Rainha” e com o Canto 2.

Canto 1

- 1 - Para sermos decididos
a seguir de deus a voz
glorioso São Benedito (bis)
rogai a deus por nós
- 2 - Para sempre nos guiarmos
pela fé que brilha em nós
glorioso São Benedito (bis)
rogai a deus por nós
- 3 - Para termos esperança
caridade como vós
glorioso São Benedito (bis)
rogai a deus por nós
- 4 - Para que sejamos castos
penitentes como vós
glorioso São Benedito (bis)
- 5 - Para desprezarmos sempre
a vaidade como vós
glorioso São Benedito (bis)
rogai a deus por nós
- 6 - Para que no céu um dia
exutemos como vós
glorioso São Benedito (bis)
rogai a deus por nós

Canto 2

- 1 - Salve o santo milagreiro
de exímia santidade
oh nos ensina piedoso
a tua grande humildade (bis)
- 2 - Aos teus braços atraído
pela angélica pureza
eis o teu jesus querido
a teu céu tua riqueza (bis)
- 3 - Nossas almas neste instante
a pureza com fervor
vem pedir-te num confiante
e sentido ato de amor (bis)
- 4 - Aos devotos teu alcança
os fervores lá do céu
a tua fé tua esperança
o teu grande amor de deus (bis)

As rezas cantadas também conhecidas como ladainhas, que compõe a novena, são divididas em dois grupos; são as rezas de São Benedito e os Cantos Marianos. Segundo Oliveira (2002: 141):

A ladainha, no Brasil, é uma antiga reza típica dos católicos analfabetos do meio rural, que a rezam para os santos populares. Até 1962, enquanto a língua do catolicismo oficial era o latim e os padres celebravam as missas nessa língua, ao povo que não sabia latim eram ensinadas orações longas e repetitivas, como é o caso da ladainha, na qual o rezador invoca uma sequência de nomes de santos e os demais participantes respondem: rogai por nós.

Durante o rito há alguns momentos de discurso livre e neles acontecem promessas e desabafos. Muitas pessoas fazem promessas ao São Benedito, que são pagas de diferentes formas, pois quem as faz designa também a forma como ira compensá-la. Em uma das noites de novena, um senhor de idade que mora na comunidade, que ajudou na organização do culto, contou-nos que havia feito uma promessa ao São Benedito para que curasse sua perna. Ele disse que, na época em que estava doente, utilizava uma bengala

para se locomover - neste momento ele pediu para os presentes confirmarem o fato da bengala. Tendo sua perna melhorada, contou-nos que havia levado a bengala até um monte e a deixado lá, também prometeu que acompanharia todos os dias da novena como forma de agradecimento e prova de fé no santo.

Dona Neuzita, irmã de Dona Neuza, também fez uma promessa em busca de cura para uma chaga que havia contraído em uma das pernas, vindo a atribuir ao santo e a sua fé a ocasional melhora de sua perna. Bolinho também pediu ao santo por seu filho, que havia falecido recentemente por problemas de saúde.

Em uma dessas noites, me dediquei a contabilizar o número de pessoas presentes na novena e distribuí-las em classes de idade. Ao todo eram 27 pessoas, dentre elas 14 idosos, 9 adultos, 1 adolescente, 2 crianças e 1 bebê (são categorias artificiais, as quais utilizo apenas para ilustrar os grupos geracionais). Nem todos sentaram - os que ficaram em pé se organizavam no fundo da igreja, próximo à porta. Geralmente as pessoas sentavam-se próximas aos conhecidos - notei que a presença maior era a de mulheres idosas. A presença expressiva de mulheres nas novenas está relacionada com a atividade religiosa que desenvolvem durante o ano.



Foto nº 11 – Devota de São Benedito no interior da igreja - 25/05/2013

Atualmente, o grupo Legião de Maria tem assumido um importante papel em relação à organização da parte religiosa da festa de São Benedito. Sobre sua experiência, Dona Adair, integrante do grupo, relata: *“Nós aqui, nós tem uma turma também, aqui nós somos legionários, da legião de Maria, então na festa nós tamo tomando conta aí. (...) Eu comecei em 92, 93, então já tá com uma porção de dia né. Mas eu fiquei doente e passei uns dias sem ir na reunião né, mas tem as primas dali, a presidente mora ali, tudo ali pra baixo também tem. Toda quarta-feira tem a reunião lá na igreja de cima, nós tem a sala lá de fazer a reunião da Legião de Maria. Então, é a força que dá também aqui é a Legião de Maria.”*

Na comunidade de Tia Eva, a atividade religiosa continua sendo atualizada durante o ano. A novena trata-se de uma prática de reza específica realizada durante o

período da festa de São Benedito. Assim como a novena, há na comunidade outras práticas de reza, que seguem mais ou menos um calendário anual. De acordo com Dona Neuza Rosa dos Santos:

Antigamente tinha aquele costume de na semana santa, em casa a gente mesmo fazendo, passava segunda, terça e quarta né. Todos aqueles dias, na quaresma, a quaresma todinha a gente tinha que rezar, rezava as vezes terço, depois rezava Incelência, cantada né. Aí tinha que rezar todos os dias, segunda, quarta, sexta, Era raro um dia que tinha uma missa. Era uma oração familiar. Então ali você não tinha padre, você não tinha freira, você não tinha companhia de ninguém, a companhia era pai, mãe e avó. (Entrevista realizada em 27/05/2013)

Podemos entrever no relato de Dona Neuza que nesse tempo era rara a presença eclesial na comunidade, o que ocorriam eram orações familiares. Sobre a realização de festas e outros costumes durante o calendário anual, Dona Adair relata que,

Menino, quando entrava a quaresma, por exemplo, hoje é o último dia de carnaval né, amanhã entra a quarta-feira de cinzas né. O dia em que entrava a quarta-feira de cinzas a finada vovó chamava tudo os neto, aqueles rapaz que tocava, fazia desencordoar tudinho os violão, enrolar as cordas e jogar dentro do violão, ela fazia pega o acordeon e enfiava dentro de um saco branco que tinha, pegava o pandeiro e enfiava também junto com os violão, tudo num saco, e amoitava aquilo lá pra um quarto. Ninguém... vai pegar lá vai! Ah, vai lá que a velha vinha mais o velho. (risadas) (...)Era um respeito danado. Da quarta feira de cinzas até o sábado de aleluia. Quando chegava no sábado começava a sair o violão do saco, começa o acordeon a sair né, que a noite arrebetava de aleluia depois do terço, depois de tudo, aí saía aleluia. “O baile vai ser na casa do fulano” na casa do João. Aí eles tinham uma mania assim de quinta e sexta maior, quinta-feira santa e sexta-feira santa, nós passava uma noite inteirinha aqui nessa igreja rezando, anoitecia rezando e amanhecia rezando. E os rapazes tinham uma mania de fazer Judas, aquele Judas esfarrapado, aquele Judas ia pra dentro da igreja. Agente ia fazer uma pausa na reza e arrudiava a cidade toda correndo de Judas. Ahhh mas aquelas meninas! Nós saía gritando. (Entrevista realizada em 22/05/2013)

Os relatos de D. Neuza e D. Adair revelam que a atividade religiosa na comunidade Tia Eva continua acontecendo ao longo ano, sendo formada por momentos qualitativamente diferentes. A organização desse tempo do religioso ficava a cargo das mulheres mais velhas, que interviam quando fosse necessário. Dessa forma, durante o período da Quaresma, os instrumentos musicais eram interditados, pois este era um tempo de rezar com a família, sendo rara a presença da igreja oficial nesse período.

2.6 Tempo e religiosidade

Durante a festa, há diferentes ciclos de organização do tempo simbólico e religioso, como no caso das missas e novenas. A oposição entre os dois tipos de culto e de prática religiosa coletiva pode indicar princípios de diferenças nas maneiras como os representantes institucionais da Igreja católica de Campo Grande e os promotores locais e tradicionais organizam e procuram legitimar modos próprios de inclusão e atuação na esfera do religioso.

Um ciclo é dirigido pelos símbolos de crença e prática religiosa conduzidas pela ideologia da Igreja local, tomada como uma agência institucionalizada do campo do religioso e concentrada sobre a figura do padre. Tanto nas missas como em outros locais de atuação, o padre age como o representante legítimo da Igreja, que institucionaliza a prática religiosa da cidade e legitima os valores da ordem social. Ele se considera o possuidor dos meios e dos modos legítimos de manipulação local do sagrado no campo específico do religioso.

Assim, pode-se dizer que o padre e seus auxiliares possuem, como porta-vozes da Igreja católica, um universo simbólico explicitado a cada momento segundo os termos de um ciclo litúrgico organizador do código de legitimação que a igreja faz: da ordem social e da sua própria ordem, como campo específico do religioso.

O outro ciclo dirige a ideologia da festa, pois que é a forma mais explicitada da maneira como os seus produtores concebem sua própria inclusão e participação no campo religioso. O ciclo da festa reproduz o código simbólico das relações entre a sociedade, através de seus agentes produtores dominantes, e a Igreja, através de seu agente institucional, o padre. Nesse sentido, Brandão (1987) afirma que:

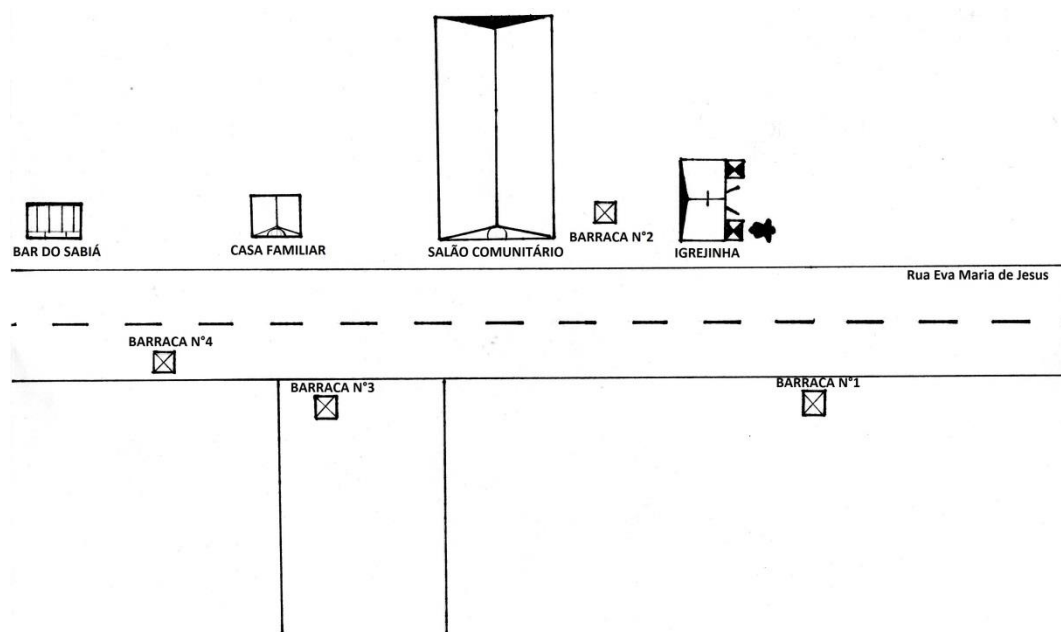
O ciclo dos agentes da festa procura reproduzir a vida da sociedade local através da Igreja, enquanto o ciclo da Igreja reproduz acontecimentos históricos e significados religiosos através da vida da sociedade local. (BRANDÃO, 1987: 145)

Enquanto o padre e os agentes auxiliares de Igreja fazem da missa o momento central das comemorações religiosas, as pessoas da festa veem a missa como outro de tantos momentos-rituais, partes de uma sequência na festa de São Benedito. Os ritos católicos de Igreja, sob o comando do padre, não são os momentos essenciais de piedade em que a participação do fiel atualiza a dívida para com o padroeiro.

2.7 Interações e transformações no espaço

Após os ritos religiosos e antes do início dos shows no salão comunitário, enquanto as pessoas se distribuíam pelo espaço da comunidade, pude observar alguns padrões nessa dispersão e identificar pontos específicos no espaço que concentravam maiores quantidade de pessoas.

Figura nº5 - Área da festa de São Benedito



Durante a festa, as barracas eram bastante procuradas. Por pertencerem a algumas famílias, diversos descendentes daquela determinada linhagem ou que tinham alguma afinidade com ela, procuravam se juntar às barracas como uma forma de auxiliar e acompanhar o desenrolar da festa próximo aos seus familiares e amigos, uma vez que, no contexto do baile, muitas pessoas de fora da comunidade circulavam por lá. Tal fato parecia reforçar a união daqueles que compartilhavam de uma identidade comum. De acordo com Seu Michel,

Sempre veio parente. No tempo da minha avó que era uma casa pra minha irmã, isso aí, essa rua, não tinha essa rua aí, essa rua era aqui. Aqui era cheio de barraquinha daí até... Tinha jogo de palha, jogo de argola. Aí o pessoal todo da cidade vinha pra cá. (Entrevista realizada em 22/05/2013)

Além dos vínculos familiares, cada barraca era mais especializada em algum tipo de alimento ou serviço. A barraca nº 1 era gerenciada por um jovem descendente de tia Eva e ficava em frente a sua própria casa; nesta barraca era vendido churrasco, cigarros

e bebidas, como refrigerantes e cervejas. A barraca n° 2 era especializada em pastéis e sua proximidade física à Igreja não era a toa, pois nela se concentravam mais pessoas envolvidas com a religião, como as freiras e os participantes das novenas e missas, geralmente descendentes mais velhos. Já a barraca n° 3 era gerenciada por um descendente de tia Eva que não estava morando mais na comunidade e que era especializado em bebidas alcoólicas, tendo um grande arsenal com grande diversidade de bebidas; a barraca n°3 estava localizada em uma parte aberta que liga a rua Eva Maria de Jesus à rua Ciro Nantes. Por se atraírem por um preço mais em conta, diversas pessoas que vinham à festa compravam suas bebidas na barraca n°3, o que causava certa disputa com o bar do Salão Comunitário. A barraca n° 4 pertencia à família de Dona Neuza, que revezava com suas filhas e outros parentes o atendimento dos clientes. Esta barraca possuía uma maior diversidade de comidas, como tapiocas, bolos de diversos tipos, pastéis, hambúrgueres.

Considerando a fluidez dos arranjos desses grupos, observei que os descendentes mais idosos da comunidade costumavam observar a rua, um pouco mais afastados, em frente às suas casas ou às casas de parentes, nas barracas e a partir dos pontos onde estavam exercendo alguma função na festa, como no bar do salão comunitário. Já os mais jovens formavam diferentes grupos ao longo do espaço da rua que corta a comunidade, grupos estes que, hora eram formados unicamente por pessoas de fora da comunidade, hora eram grupos mistos formados por descendentes e pessoas de fora da comunidade; havia também grupos que eram formados somente pelos descendentes de tia Eva.

O bar do Sabiá era um desses locais que concentrava uma grande quantidade de pessoas. Notei que este era um lugar bastante procurado pelos descendentes, principalmente por aqueles que recebiam pessoas de fora da comunidade para a festa e que, de costume, utilizavam-se do local para comemorar e tomar cerveja. Era no bar do Sabiá que aconteciam calorosas partidas de sinuca em campeonatos informais. Outro local que se tornava importante durante a festa era uma casa familiar que ficava entre o bar do Sabiá e o salão comunitário. Nessa casa se reuniam muitos descendentes de tia Eva, principalmente os jovens, e parecia quase não haver pessoas de fora da comunidade; era um local que se opunha à rua, que estava tomada por pessoas de fora, sendo grande parte delas pessoas desconhecidas.

Durante as noites de shows, observei que, gradualmente, a configuração do espaço transforma-se, na medida em que mais pessoas chegam. Em um primeiro momento, as margens e as calçadas da Rua Eva Maria de Jesus são ocupadas, dando forma a um

corredor de gente, onde transitam pessoas e máquinas. Esta formação de corredor se estende ao longo da rua, desde a igrejinha até o bar do Sabiá. É na rua onde ocorrem diversos eventos a parte da programação oficial. Uma das práticas comuns entre os jovens da comunidade e os de fora, durante o baile, eram as empinadas de moto, que consistiam em percorrer certa distância, ao longo do corredor, com a roda dianteira da moto suspensa no ar. A empinada era realizada até mesmo com duas pessoas sobre a moto, demonstrando, assim, maior destreza e controle da máquina. Entre as crianças da comunidade havia uma prática similar, que era a empinada de bicicleta.

Aos poucos, os grupos saem dos limites da calçada e preenchem o interior do corredor. O fluxo destes elementos em espaço reduzido ocasiona uma superlotação da passagem, fazendo com que o tráfego nesse espaço aconteça de uma forma lenta. Com essa contração do espaço, as motos já não podem realizar as manobras, então maiores atenções são voltadas para os carros. Nessa disputa pelo espaço e pela atenção dos espectadores, são utilizados pelos carros o volume sonoro, para alcançar mais pessoas. Se um som sobrepõe o outro, as pessoas tendem a dançar ou a cantar aquela determinada música que está mais alta. Nesse sentido, diversos carros de som se espalhavam através da Rua Eva Maria de Jesus, cada qual alcançando uma área de influência. Ao redor de cada carro concentrava-se certa quantidade de pessoas, que, em sua maioria, eram pessoas de fora da comunidade.

No entanto, o potencial de disseminação do som, intensificado pelos meios tecnológicos, não se reflete necessariamente numa homogeneização das sociabilidades: as canções, muitas delas repetidas nos diferentes carros, são por vezes percebidas de formas diferentes e incorporadas ao ambiente por códigos também distintos. Os corpos, apesar de conduzidos ao som de um mesmo ritmo, movimentam-se com base em diferentes esquemas. Este movimento está presente nas danças, mas também nos trajetos que estes corpos percorrem pelo espaço da festa.

Ao longo da rua, notei que o local com a maior concentração de pessoas era em frente ao salão, que parecia ser um tipo de espaço misto em que, quando a entrada estava liberada, as pessoas transitavam entre o espaço interno do salão e a rua. Contudo, em relação às pessoas do lado de fora do salão, são poucas as pessoas que chegam a entrar para assistir o show. A rua é de fato o lugar mais movimentado. Este fato me surpreendeu¹¹

¹¹ A antropologia se desenvolve por meio do diálogo entre teoria e etnografia, esse procedimento tem como base a *surpresa* com que o antropólogo se depara com novos dados de pesquisa que são revelados, geralmente, nos tipos de eventos de que participa ou que reconhece como significativos para aqueles que observa. (PEIRANO, 2001: 4)

inicialmente, pois imaginava que o maior atrativo seria os da programação oficial da festa, mas na prática não foi isso que observei.

Para apreender os sentidos da movimentação espacial durante a festa, são interessantes as reflexões de Durhan (1973) acerca das migrações, pois um fenômeno semelhante parece operar em graus diversos. De acordo com Durhan, as pessoas são levadas a migrar mais com base

(...) na proximidade das relações sociais do que na proximidade física (...), segue as rotas que foram traçadas por parentes e amigos antes dele. Ele vai com conhecidos, ou à procura de conhecidos, que sabe estar em tal ou qual lugar. Os lugares que ele conhece são os que fazem parte da experiência passada da sua comunidade e são relações pessoais que servem de ponto de apoio à movimentação espacial. A não ser excepcionalmente, o emigrante não se aventura no desconhecido, mas se orienta por notícias, por informações, por relações. (DURHAN, 1984: 137-138)

Nesse sentido, a igreja de São Benedito, as casas, as barraquinhas, o bar do Sabiá, ou seja, todos os espaços físicos e simbólicos são “lugares de memória”, que estão interligados à memória coletiva da comunidade, fazendo com que os espaços sejam pontos de marcação do tempo. O espaço é mais do que um lugar, é um conjunto de imagens coletivas. Segundo Pietrafesa de Godoi, (1999: 113), “*Cada aspecto, cada detalhe dos lugares, possui um sentido inteligível somente para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço por eles ocupado passaram a se constituir em pontos de marcação de um tempo por ele vivido*”.

Além disso, foi possível perceber alguns elementos da “apresentação de si” almejada pelos frequentadores dos diferentes espaços. Pode-se dizer que na problemática da interação, como sistematizada por Goffman, os indivíduos buscam criar “imagens de si” de acordo com os requisitos de interação (GOFFMAN, 2012). Parte integrante dessa imagem são as posturas corporais, os trajés, os espaços que se frequenta.

2.8 Música, identidade e performance

Durante os dez dias que ocorrem a festa de São Benedito, aconteceram sete noites de baile, onde se apresentaram diversas bandas musicais, principalmente no espaço do salão comunitário, mas também em outros, como o bar do Sabiá. Na programação, oficial e divulgada, há somente duas categorias para os shows: “show baile”¹² ou “show de

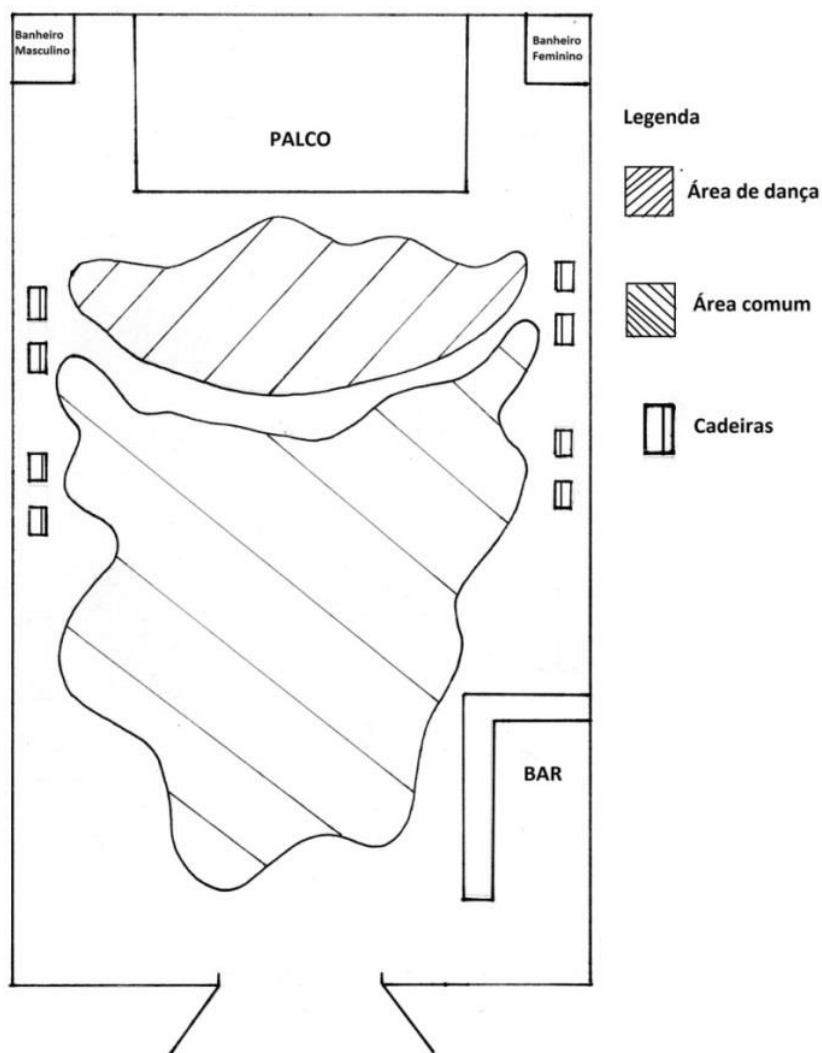
¹² Apesar de a palavra baile ser um sinônimo de dança, na programação da festa ela indica uma categoria que se refere, de modo geral, aos shows de música sertaneja.

pagode”. No entanto, existe outro gênero musical presente durante a festa, mas que não é previsto na programação oficial: o *funk*.

Os gêneros musicais que ocorriam durante as noites do baile indicavam diferentes situações sociais. Na rua, prevalecia o *funk* nos carros de som. No salão comunitário, se tocava pagode e sertanejo. Nos dias de baile, o pagode atraía uma maior quantidade de pessoas para o salão comunitário. O sertanejo conseguia atrair uma maior diversidade de gerações, sendo aparentemente o único gênero musical que abrangia das novas gerações às mais antigas. Já o *funk* atraía majoritariamente os jovens, sendo até evitado pelos descendentes mais velhos.

O Pagode é bastante popular na comunidade. Aliás, há um grupo de pagode integrado pelos descendentes de Tia Eva, denominado Pratas da Casa; eles também se apresentam durante a festa de São Benedito. Enquanto os shows aconteciam dentro do salão comunitário, o *funk* estava localizado no espaço da rua, sendo reproduzido nos carros de som. Apesar de haver a presença de alguns jovens descendentes, a maior parte dos participantes eram pessoas de fora da comunidade.

Figura nº 6 - Área interna do Salão durante os shows



Dentro do salão, observei que o passo de dança é distinto entre os dois gêneros citados. No caso do sertanejo, a dança acontece seguindo uma dinâmica seguindo “dois passos pra lá um pra cá” (2x1), enquanto que no pagode são “dois passos pra lá e dois pra cá” (2x2), o que confere ao pagode uma dança de ritmo mais acelerado.

Nas antigas festas de São Benedito acontecia a dança de catira. Ao comparar sua época com a atualidade, Seu Michel afirma que,

(...) hoje é mais a moda sertaneja, tem o pagode, mas não faz muita parte não. Uma coisa que tinha muito também era a catira que meu avô era mineiro, gostava muito de catira. Morreu. Mas mesmo assim na minha época muitas vezes eu dancei catira. (...) é com dois violão, e só homem que dança. (...) quando oito, dez pessoas sequer, um do lado outro doutro, aí ele sapateia, bate palma, canta verso e vai pra lá e vai pra cá, mas é só sapateado.(...) Naquele tempo dançava catira era cada um com um punhalão enfiado na cintura, 44 pro lado. De primeiro nós era manhoso quando o camarada tava sem uma arma na cintura. Era aquele

negócio, chega naquela hora todo mundo guardava sua faca, punhal, guardava, na hora de ir embora pegava. Outros ficavam escondido, mas a maioria dava pra guardar.(...) Agora não, pessoa pegou armada vai preso. Mas de primeiro não. Pessoal carregava de punhal, aquilo é uma coisa que não serve pra cortar nada, uma faca ainda serve pra você descascar uma laranja, o punhal não, é só mesmo pra bandidagem. (Entrevista realizada em 22/05/2013)

Sobre a dança de catira e a cana verde, Seu Waldemar Bento de Arruda comenta:

Naquele tempo era a catira, meu pai dançava, meu pai e os outros povo daquele tempo, os Dionísios e os de tia Eva. Os maiores catingueiros que existia era lá da “mata dos Dionísios” (comunidade negra rural quilombola Furnas do Dionísio). Aquele povo lá dançava mesmo, pegavam a viola e os versos eram de improviso. Aí quando o dia ia amanhecendo os violeiros do Dionísio pegaram a viola e cantaram uns versos: “Senhor dono da casa escute e preste atenção, daqui um pouco sua filha vai embora carregada nas asas do gavião”. Aí o povo dançava e sapateava. Hoje não dança mais catira, não dança mais quadrilha, a cana verde. A cana verde naquele tempo, senhor, ela tinha um mistério, a gente começava a cantar um verso lá na sala. Mas aquele verso pegava qualquer um, aonde aquele verso ia a pessoa tinha que ir cantar ele na sala. E era tipo uma profecia, falava toda a vida da pessoa e aquilo acontecia. Isso se chamava cana verde. Pegava moça, pegava gente velha, era assim. Às vezes nego estava arriando do cavalo aí aquele verso ia lá, e ele tinha que ir na sala e cantar. Isso acontecia nas festas. Chamava cana verde. Na hora que eles falavam, ó moçada vamos cantar cana verde o povo já preparava. Começava com dois, daqui a pouco um estava cantando aqui e outro dali. E tinha aquela força de falar e cantar. Se você ia viajar daqui para Minas você não sabia o que ia passar, mas ali você ficava sabendo o que ia passar. Era interessante. Falava de casamento de moça, de moça que ia casar. Muitos desmanchavam casamento e outros afirmavam. Era muito interessante. (apud PLÍNIO DOS SANTOS, 2012: 264)

Nesse sentido, o gênero musical pode estar envolvido com uma série de valores sociais, parâmetros musicais, estéticos, religiosos e culturais, contextos locais, familiares e geracionais. No âmbito da festa de São Benedito, o que ocorre é um processo em que os estilos musicais (culturalmente e historicamente aceitos) adquirem novos significados de acordo com novos processos históricos e culturais ou até novos estilos passam a ocupar um espaço que pertencia a outros estilos. Processo similar foi observado por Siqueira (2006) na comunidade quilombola Kalunga, onde existem estilos musicais que ‘entram em conflito’ entre si, como no caso da sussa e do forró. De acordo com Siqueira,

os gêneros musicais se consolidam apenas quando são aceitos por uma comunidade e quando são definidos os limites de um comportamento musical apropriado, portanto na arena musical podem ser registradas transgressões e oposições. Estas oposições e transgressões podem ser verificadas em alguns aspectos da sussa e de outras manifestações musicais e religiosas, porém estes conflitos indicam que estão havendo mudanças de valores e padrões, que por sua vez estão criando novos limites de comportamentos musicais apropriados. (SIQUEIRA, 2006: 86).

Para Carvalho, os gêneros musicais são necessários: nós precisamos de gêneros musicais estáveis para expressarmos nossas dimensões emocionais, afetivas, sociais, políticas e espirituais. Um gênero musical é ao mesmo tempo:

um padrão rítmico sintético, uma sequência de batidas de tambor, um ciclo ou uma sequência harmônica precisa, ou pelo menos claramente reconhecível; é algumas vezes um conjunto de palavras ou tropos literários fixos que combinam com um padrão rítmico particular e com algum tipo particular de harmonia e de movimento melódico porque aquelas palavras ou tropos evocam uma determinada paisagem social, uma paisagem histórica, uma paisagem geográfica, uma paisagem divina, ou meso uma paisagem mental. Tudo isso é um gênero musical. (CARVALHO, 2000: 7)

Uma vez consolidado o ‘todo articulado como um gênero’, tem-se então muitas experiências de fusão que formam parcialmente os gêneros ou, a partir disso, a superposição entre dois ou mais deles, “*expandindo geometricamente essa riqueza narrativa*”, que por sua vez, pode evocar estruturas dos gêneros colocados em contato numa única peça musical. Neste processo, o hibridismo¹³ (Ibid) pode ser necessário para atualizar e fazer com que um gênero possivelmente ‘caído em desuso’ soe de novo revelador e surpreendente.

2.9 O futebol

Seu Eurides Antônio da Silva, também conhecido como Bolinho, é um dos filhos de Seu Michel e organiza torneios de futebol há 23 anos. De acordo com Bolinho,

o Torneio Tia Eva de Futebol começou por volta dos anos 60. Nós tivemos esse torneio em oito campos de futebol, é uma história, é uma tradição. No primeiro campo, campo de onze jogadores, era de frente à Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, onde hoje está localizado o Cyber do nosso amigo Zé. Ali era o campo da Igrejinha São

¹³ Sobre este tópico, interessantes reflexões foram feitas por Cortês (2013) acerca do “funknejo”.

Benedito, ali onde tudo começou, esse campo¹⁴ tinha um árvore cheia de espinho. Eu quero lembrar também que ali havia a primeira equipe com o nome de alguns jogadores da época, que nós procuramos resgatar. (Entrevista realizada em 27/05/13)



Foto nº 12 - Bolinho mostra os troféus de futebol conquistados pelo time da comunidade – 25/05/13

Houve na comunidade Tia Eva um time famoso, chamado São Borges, este time marcou uma geração e é lembrado com muito entusiasmo pelos descendentes de tia Eva. Durante as partidas do torneio que acompanhei, diversos comentários eram feitos no microfone a respeito deste time. Nesse sentido, relata Antônio Borges da Silva, membro e inspirador do nome do time:

Têm umas coisas assim que a história constrói; Esses dias eu tava conversando com um goleiro, ele falou assim: quem não jogou no São Borges não sabe jogar futebol, porque ali era escola de fera. Tem o Primavera [time] que jogava o Carlinho, o Jorginho, Manézinho, Zézinho. Então, tem o Carlinhos que era um dos melhores volantes que nós tínhamos. Então, a aonde que nós íamos nós éramos respeitados pelo futebol, pela qualidade da amizade, pelo que nós fazíamos e nós não bagunçávamos em lugar nenhum, jogava na Carioca, que todo mundo falava que era perigoso, jogava no Jardim Paulista, que todo mundo falava que era perigoso e nós saíamos de lá com a boa amizade. Então nós plantamos o futuro pra essa geração aí, de goleiro aí. (Entrevista realizada em 27/05/13)

¹⁴ Bolinho me explicou que este campo se perdeu devido ao surgimento de novas casas na comunidade

Sobre os jogadores dessa época, Bolinho relembra:

Eu lembro, daqueles jogadores dos anos 70, 80, goleiro Fran, popular Bugio. Nós também tínhamos o Preto, que era goleiro também, Pastel, Miltinho. Luciano jogava muita lateral. O Marquinhos, Eusídio, o Cid aqui da comunidade, irmão do Adele, Basílio, Bispo, essa rapaziada a gente sabe que não conseguimos lembrar todos os nomes. Nós tínhamos também a equipe titular e a outra equipe que a gente chamava, até então, de Segundinha. (Entrevista realizada em 27/05/13)



Foto nº 13 – Time de futebol São Borges

A organização do futebol é interessante na medida em que distingue séries, para que, assim, possam se relacionar de uma forma coerente no contexto do jogo. Nesse sentido, há uma série interna à comunidade, onde os grupos são definidos por um corte geracional, como por exemplo, os “veteranos” e os “jovens”. Há uma série que concerne ao externo, onde a comunidade Tia Eva concorre com outras vilas e bairros da região. Há uma terceira série onde o recorte é de gênero; no futebol feminino, onde há a disputa de times de diferentes origens, são ignoradas as faixas etárias, sendo o time formado por meninas de diversas idades.

Segundo Bolinho, houve muitas finais disputadas entre a comunidade Tia Eva e a Vila Saraiva - bairro vizinho à Comunidade de São Benedito.

Então todo mundo que ouvia falar de futebol gostava de tá reunido com a gente. Os caras que iam na beira de campo pra assistir nós jogar, eles eram profissionais na época, mas nós éramos a sensação de município. Então tem muita história que as pessoas não conhecem, e essa garotada pode ser a sensação. [...] Então essa é a história que nós construímos a partir do futebol, do esporte, e isso faz parte de todo mundo da Tia Eva. Nós tínhamos um time que era respeitado, aonde que o time da São

Benedito ia, a comunidade estava todo junto, a capelinha de São Benedito. (Entrevista realizada em 27/05/13)

O futebol era um momento de reunir pessoas. Por mais que não fosse um time profissional, o time São Borges era bem reconhecido em sua categoria, isto é, na ordem dos municípios. Conforme observa Seu Antônio Borges, a história construída a partir do futebol pertence à memória coletiva do grupo de Tia Eva. A partir desta concepção, o futebol foi incorporado¹⁵ à festa de São Benedito e figura como uma tradição que possui suas referências e marcos próprios.

2.10 Sobre as promessas

A bandeira de São Benedito é também um importante elemento religioso durante a festa. Ao fim da novena, no interior da igreja, a bandeira de São Benedito é tocada por todos os participantes, que, em seguida, fazem o sinal da cruz no corpo. Ao som das ladainhas e rezas, a bandeira é trazida ao lado de fora e acoplada ao mastro para ser erguida.



Foto nº 14 – Devotos durante o hasteamento da bandeira de São Benedito

Conforme visto no primeiro capítulo, a prática da realização de promessas é fundamental na história de tia Eva e da comunidade de São Benedito. A igreja e a festa de São Benedito são frutos de promessas feitas por tia Eva para São Benedito. Até os dias atuais, diversas pessoas se juntam à festa do santo para lhe encaminharem promessas. De

¹⁵ Nas festas posteriores a este trabalho, o campeonato de sinuca também passou a fazer parte da programação oficial da festa.

acordo com Seu Michel, a fogueira¹⁶ é um elemento que se associa à prática da promessa, assim como a queima de fogos de artifício:

*Ela faz parte da **promessa**, que é a **fogueira** no nono dia e **fogo**. Todo dia tem que soltar três fogos, três dias na hora da **salvaria** solta fogos. No outro dia, no último dia, levanta o **mastro** e ascende a fogueira no sábado, e no domingo encerra com o almoço, faz a **procissão**. Fazia a tarde, agora, tá fazendo de manhã a procissão, a missa. Aí depois já, é o churrasco o **almoço**, e lá pras dez onze horas da noite encerra.*

A partir do relato acima, torna-se claro que esses elementos indicados por Seu Michel são os pilares da festa de São Benedito, e por isso, mais duráveis e menos suscetíveis a mudanças. A realização desses compromissos religiosos é prescritiva, e vem desde a primeira festa organizada por tia Eva.

Sobre outras festas associadas às promessas e aos santos na comunidade Tia Eva, Seu Michel destaca a Festa de São João e a Festa de Nossa Senhora Aparecida:

Na fogueira tinha uns que ia só pra promessa. A minha mãe fazia, era bem aqui assim, minha casa era lá, e aqui fazia a fogueira de São João. Isso foi promessa que minha mãe fez, que tinha um irmão que tava com sapituca que remédio nenhum curou, aí, ela fez promessa pro São João que se ele parasse de dar sapituca todo ano ela festejava o São João. Aí parou. E nós pisava na brasa vivinha ainda e não queimava. Meus tios passavam e nós também. Mas é brasa, cê pega a brasa vivinha, só que cê não pode passar de calçado, tem que ser o pé limpim na brasa. Cê passa aquela brasa vivinha assim óh, cê pode acabar de passar e num queima, se tira o cigarro e ascende. Cê vê, como cê não vai acreditar, né? (Entrevista realizada em 22/05/2013)

Sobre as diferenças entre as festas e o motivo do fim da Festa de São João, Seu Michel assegura que:

(...) muitos ano que nós fizemo a festa do São João. Agora não, porque minha mãe morreu, meu irmão também morreu, mas fizemos essa festa muitos anos. (...) A do São João era particular, era na casa da gente. Eles fez por muitos anos também a Festa da Nossa Senhora de Aparecida, mas depois desistiram né, ficou só mesmo essa do São Benedito. (Entrevista realizada em 22/05/2013)

¹⁶ Nas festas de São Benedito em Tia Eva, as fogueiras são feitas após o encerramento da novena.

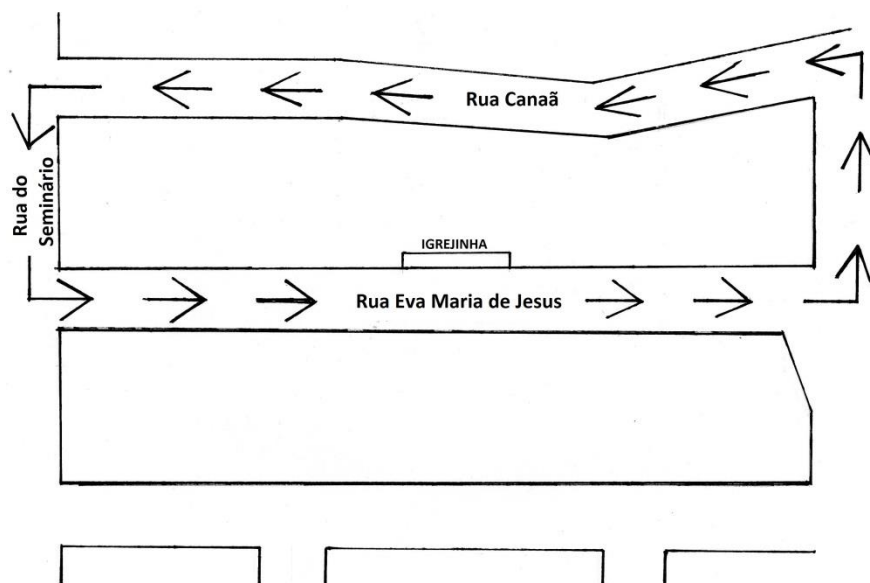
2.11 Procissão e Missa de encerramento



Foto nº 15 - Procissão de São Benedito e Nossa Senhora de Aparecida – 25/05/2013

Um dos ritos da festa de São Benedito é a procissão, que ocorre no último dia do festejo. A procissão é feita com a imagem de São Benedito e de Nossa Senhora Aparecida, carregados em cima de um andor, geralmente pelos mais velhos. Atrás da imagem vem os fiéis cantando músicas de louvor aos santos. O trajeto começa saindo da igreja em direção ao córrego segredo, depois, continua da Rua Canaã até a Rua do Seminário. Após a Rua do Seminário vira-se à esquerda na Rua Eva Maria de Jesus, até se chegar novamente na igreja de São Benedito. Durante o percurso, diversos fiéis estavam com os pés descalços. O caminho percorrido pela procissão reafirma a área do santo.

Figura nº 7 - Caminho percorrido pela Procissão



Atualmente, a procissão sai cedo, às 08h30min da manhã, mas nem sempre foi assim. Sobre a procissão e as motivações para a mudança do horário em que ela é realizada, Dona Adair conta que:

A procissão é domingo, né? Sempre era domingo assim à tarde né? Três horas saía a procissão. Agora o padre tá fazendo de manhã porque aqui, quando agente passa de tarde com a procissão, tá cheio de bêbedo no boliche: “Aaaarhh! Eeeerhh!” gritando, o pessoal da procissão rezando e eles gritando, mostrando os copos de cerveja: “Aqui oh! Até o padre quer beber!” desse jeito, falta de respeito com o padre, tem que respeitar o padre. (Entrevista realizada em 22/05/2013)

Após a procissão, quando o santo chega com os devotos, é realizada uma missa, que, atualmente, acontece dentro do salão comunitário, mas que já foi realizada tempos atrás no lado externo da igreja. Nessa missa de encerramento, ocorre outro momento-ritual, que é a oferenda de alimentos para os presentes, que são trazidos pelas mulheres da comunidade. Sobre a alimentação, há ainda suas relações com a religiosidade. Discorrendo sobre a comida na festa dos Santos em Conceição das Crioulas, Costa (1999) afirma que a comida simboliza, como na ceia dos cristãos, em que o corpo e o sangue foram dados aos homens, um sinal da nova aliança entre eles e a divindade.

2.12 Almoço e comensalidade

Uma das importantes atividades ligada ao almoço é o preparo da mandioca. Na festa que aconteceu em 2013, no dia anterior ao almoço, no quintal localizado atrás da Igreja, homens e mulheres de diversas idades se juntaram para descascar um grande número de mandiocas. Enquanto participante, observei que este momento era importante por aproximar os mais velhos dos mais jovens, ainda que de famílias diferentes, onde se podia conversar sobre diversos assuntos, inclusive sobre a importância da festa de São Benedito. Na ocasião, foi feito um almoço para aqueles que participaram do preparo da mandioca. As crianças brincavam na área próxima ao Salão, sob o olhar dos adolescentes que estavam conversando sentados na varanda da casa em frente à Igreja.



Fotos nº 16 e 17 - Preparo das carnes e preparo dos acompanhamentos para o almoço – 25/05/2013

No dia do almoço, parte dos homens começou suas atividades cedo, carneando os animais arrecadados em um espaço ao lado do Salão. Toda a atividade de carnear é circunscrita ao universo masculino, análogo ao observado por Santos & Menasche (2013) na pesquisa efetuada junto às comunidades rurais no município de Bom Jesus, estado do Rio Grande do Sul. Simultaneamente, no espaço da cozinha da Escola, as mulheres preparavam os alimentos que seriam consumidos no almoço, como feijão, arroz e farofa.



Foto nº 18 - Interior do Salão durante o almoço – 20/05/2012

Os vínculos existentes entre as pessoas da comunidade são atualizados em torno da mesa, bem abastecida de comida e bebida. Para Costa (1999: 115), “*a função principal desse momento é possibilitar que os vínculos de pertencimento e de solidariedade a uma dada unidade social, ganhe expressão*”. Nas mesas e nas rodas de conversa são trocadas informações, e a memória de vários eventos é renovada e confirmada. Além disso, antigas alianças são reestruturadas, e novos laços de solidariedade são constituídos.

CAPITULO III

FESTA, ESTRUTURA E MUDANÇA.

3.1 A festa e seus cenários

As transformações vividas intensamente nos últimos anos, pela comunidade Tia Eva, podem ser pensadas como constitutivas das sociabilidades postas no âmbito da festa de São Benedito. Essas transformações nas formas de percepção em torno da comunidade são recentes. Essa mudança coincide com o processo de urbanização e com as políticas de patrimônio desenvolvidas no âmbito municipal e nacional. É com a formação da Associação dos Descendentes de Eva Maria de Jesus e com o reconhecimento através das políticas de patrimonialização que a comunidade consegue um maior apoio do governo para a realização da Festa de São Benedito.

A ampliação de cenários acarreta uma série de alterações nas maneiras como as expressões são, não apenas percebidas, mas também vivenciadas por seus executores. A ampliação dos momentos e espaços festivos aponta para uma série de inovações, como: a formalização dos grupos, a relações com as esferas administrativas, a inserção nos meios midiáticos e a preparação para receber grandes quantidades de pessoas de fora. Essas questões trazem inúmeros desafios e tensões.

O crescimento urbano e a difusão da festa contribuíram para que ela fosse incorporada em circuitos maiores na cidade de Campo Grande, por onde transitam diferentes agentes da cidade. Hoje, a presença de estranhos já se tornou comum, tanto que muitos vão às suas festas: políticos, pesquisadores, turistas e pessoas dos bairros vizinhos.

Acompanhar os caminhos percorridos pelos diversos agentes durante as festas de São Benedito foi perceber a intensidade dos fluxos e uma multiplicidade de pertencimentos, tão características a ambientes urbanos. Portanto, faz-se necessário alinhar a festa à experiência urbana e seu cenário: a cidade. Como nas considerações de Guattari:

As cidades são imensas máquinas (...) produtoras de subjetividade individual e coletiva. O que conta, com as cidades de hoje, é menos os seus aspectos de infraestrutura, de comunicação e serviço do que o fato de engendrarem, por meio de equipamentos materiais e imateriais, a existência humana sob todos os aspectos em que se queira considerá-las (GUTTARI, 2012: 174)

Conforme foi apresentado no primeiro capítulo, a realidade da comunidade Tia Eva já foi bastante diferente da atual. As novas gerações dos descendentes de Eva Maria de

Jesus já nascem em uma realidade distinta de seus antepassados camponeses e têm perspectivas diferentes dos mais velhos; são novos modos de se festejar, novos interesses e novas formas de se tratar as tradições herdadas.

3.2 Entre diferentes gerações

Durante as entrevistas, eram frequentes as queixas dos mais velhos por conta da ausência de pessoas, principalmente das jovens, durante os ritos religiosos, como missas e novenas, sempre comparando tempos diferentes. Nesse sentido, Seu Michel comenta que,

De primeiro, eu lembro, todo mundo aqui, desde a garotada, porque naquele tempo não tinha televisão, nem luz aqui tinha, então o pessoal ia tudo pra igreja. Hoje você tem o jogo de futebol que tá passando na televisão ou uma novela, ou as vezes a pessoa deixa de ir no terço pra ver aquela novela. Então são muitas coisa que dispersou um pouco, a perda do pessoal, muitas vezes da igreja né. (Entrevista realizada no dia 18/05/13)

Sobre a dispersão dos jovens em relação a igreja e aos compromissos religiosos, Dona Adair Jerônima assegura que:

Essa rapaziada tudo prestava atenção na igreja, quando batia o sino todo mundo, porque o sino é um convite né, não precisa você sair na porta “ah vamo na reza, vamo na reza” não precisa não, porque bateu o sino todo mundo tá sabendo que vai ter terço na igreja, qualquer evento vai ter lá né. E hoje em dia não, você bate o sino parece que é a mesma coisa que falar “some daqui todo mundo”. As mulecada some ou então fica lá na porta da igreja gritando ou então falando aquelas coisa feia né, e essas motoca que passa, aposto que esse pessoal faz de capricho essa zueira, quando não tem terço, não tem nada, não ta lá lendo a bíblia você não escuta barulho de moto, de carro, só passa o ônibus do UCDB, bem silêncio, aquelas coisa né, mas é só começar a reza que começa aquela barulheira, é a moto, é aquela gurizada gritando. (Entrevista realizada no dia 22/05/13)

É notável, no discurso de Seu Michel e de Dona Adair, a existência de dois tempos: o “antigamente” e o “hoje em dia”; estes tempos são marcados, respectivamente, por um envolvimento e uma dispersão das pessoas em relação à igreja e aos compromissos religiosos. Essa dispersão, segundo Seu Michel, teve haver, por um lado, com fatores como as novas tecnologias que chegaram à comunidade, dando como exemplo a televisão. Já Dona Adair considera que o alto fluxo de carros e motos na comunidade, propiciado pelo recente asfaltamento da rua Eva Maria de Jesus, atrapalham os momentos de devoção religiosa, principalmente por conta do barulho. Quando comparam ao passado, ambos

afirmam que antigamente os jovens estavam mais engajados nas atividades religiosas. Uma das narrativas mais recorrentes durante o campo foi sobre a comentada atual dispersão das novas gerações das atividades religiosas.

De fato, era bastante recorrente durante a reza do terço e durante outras atividades religiosas ter nenhum ou pouquíssimos jovens presentes, fato que era constantemente lembrado pelos mais velhos em um tom de “desânimo” e, até mesmo, de “desespero”. Era recorrente a preocupação com que a tradição se acabasse, pois, sendo ela associada à religiosidade, especialmente à de linhagem católica, acreditava-se que ela não estaria sendo renovada no que tange a novos fiéis, pois acreditavam que os jovens não queriam saber de religião, mas de outras coisas. Durante a festa, ficava bastante clara a falta de interesse dos jovens que, em sua maioria, não compareciam às atividades religiosas.

Sobre relações geracionais, Danièle Hervieu-Léger traz uma problemática interessante em seu livro *O peregrino e o convertido*, a chamada “crise” da transmissão. Segundo a autora, a transmissão regular das instituições e dos valores de uma geração à outra é, para toda sociedade, a condição de sua sobrevivência. Porém, a autora chama a atenção para o fato de que “continuidade” não significa “imutabilidade”, ressaltando que em todas as sociedades, a continuidade é garantida sempre na e pela mudança. E essa mudança coloca inevitavelmente as novas gerações em oposição às antigas (HERVIEU-LÉGER, 1999: 57- 58). Logo, não há transmissão sem que haja, ao mesmo tempo, uma crise de transmissão.

Nesse sentido, a festa de São Benedito, a igreja, a promessa de tia Eva são um conjunto de símbolos e valores que remetem a uma ordem moral ou lógica tradicional, os quais sustentam a memória coletiva, geração após geração, dos descendentes de tia Eva. Cada geração, que carrega consigo uma memória coletiva, entra em conflito com a próxima, cuja memória coletiva está em formação. É nesse passar geracional que ocorre o conflito pela memória da tradição. Por exemplo, quando a geração mais nova realiza a festa de São Benedito, os mais velhos acham que ela está, de alguma forma, alterando a tradição.

3.3 Cismas religiosas

A religião dá nome a todas as coisas e torna, até mesmo o incrível, possível e legítimo. Para os efeitos da vida, ela pretende sempre envolver o repertório mais abrangente das questões e fazer as respostas mais essenciais, de acordo com os interesses

políticos, mas também de acordo com os medos e as esperanças das mais diversas categorias de pessoas. No caso dos sujeitos de quem falo aqui com mais empenho, a religião é o explicador mais usual e, muitas vezes, o mais acreditado.

Sabemos que os sistemas religiosos e seus vários tipos de instituições codificam regras e sortilégios de intervenção humana sobre o domínio do sagrado, para que os seus seres e forças derivem em formas de intervenção do sagrado – propício sobre o domínio do humano. Mas cada um codifica essas relações à sua maneira e segundo o modo como classifica o suposto sistema de trocas entre um plano e outro.

Conforme observou Brandão (1986: 132), é comum que um fiel popular explique a origem de uma capela ou de um lugar qualquer de devoção, de uma festa de santo ou de um costume consagrado de culto coletivo, com a narrativa de um primeiro ou de alguns primeiros fatos milagrosos que os constituíram, e que foram seguidos de perto por outros prodígios que garantiram, por sua vez, a legitimidade da produção comunitária de uma nova devoção. Milagres acreditados sobre a biografia do santo fazem no “um santo”; milagres dele na história da comunidade fazem-no “um padroeiro”; milagres do padroeiro na biografia do devoto estabelecem o elo de fidelidade interpessoal entre os dois.

O caso de tia Eva e São Benedito não é diferente, foram as graças do santo que possibilitaram a saída dessa ex-escrava da fazenda e a formação da comunidade Tia Eva, foi o santo que curou a ferida que ela tinha na perna. Como prova de devoção, tia Eva construiu a igreja para o santo e prometeu a ele uma festa que seria realizada todos os anos por seus descendentes. Até o seu falecimento, em 1926, tia Eva foi fiel à promessa que fez ao santo. Desde aquele tempo, a festa continua sendo realizada, somando-se quase 100 anos desde seu início.

Enquanto uma promessa de tia Eva a São Benedito, a festa é reconhecida por seus descendentes como uma tradição de matriz religiosa, um compromisso que deve ser cumprido, conforme afirma Dona Adair:

nossa tradição da vó Eva é católica, é de religião católica (...) ela não foi uma mulher que deixou a família no tempo, ela faleceu, deixou uma capelinha pra gente orar e deixou aonde os bisnetos, a tradição ficar né. (...) é pra continuar, dar continuação lá e tudo direitinho, no terço, as festa. (Entrevista realizada no dia 22/05/13)

A concretização da promessa pelos descendentes de tia Eva, com a realização da festa e a reconciliação com esse passado, é considerada, atualmente, por alguns de seus descendentes, como uma tradição que corre o risco de se perder. Os principais motivos

apontados para justificar as transformações da festa de São Benedito foram: o avanço da cidade, a diferença entre as gerações e a dispersão religiosa.

A presença de novas religiões na comunidade foi um fator muito observado pelos descendentes de tia Eva. Segundo Seu Michel, há uma certa distância entre essas religiões:

Hoje tem muitas pessoas daqui que passaram a ser evangélicas, já que o problema da religião evangélica é bem diferente da católica, quer dizer, o deus é um só, mas já há aquela separação porque aqui agente não tem outras tradições, do terço, da festa e coisa né (...). (Entrevista realizada no dia 18/05/13)

Em seus relatos, Dona Adair relaciona a dispersão religiosa ao surgimento de novas religiões, reafirmando o catolicismo como parte da tradição e como religião “legítima”, uma vez que foi transmitida pela própria tia Eva:

(...) essas religião que tem aqui ó, sem ser a religião verdadeira, a que a vovó deixou né, ela era batalhadeira, era uma velha guerreira! Porque ela deixou a igrejinha, deixou as orações, deixou tudo certinho pra nós. Então ela faleceu, mas deixou a capela pra nós orar, pra não deixar a tradição dela acabar né, é aonde todo mundo tem que pensar isso. E agora tão enfiando outras religiões que não é dela, ali mesmo tem uma religião que não é dela, começou. E que vai gente e vai chegando mais, é só pra atrapalhar. Porque quando agente vai rezar toda sexta feira, umas sete horas nós tira o terço aí. Mas dá pra entrar lá dentro e conta quantos poucos têm, dá pra contar com o dedo. (Entrevista realizada no dia 22/05/13)

Uma das hipóteses defendidas por Paulo Rivera (2002), que pensa os impactos da modernidade na religião é a de que o enfraquecimento das tradições implica uma proliferação de opções religiosas, e um resultado inevitável é o declínio dos compromissos religiosos. De acordo com as narrativas dos descendentes de tia Eva, o contrário também é válido: a proliferação de opções religiosas enfraquecendo as tradições.

De acordo com Pierucci (1998; 2006), há uma influente vertente da teorização contemporânea em sociologia que vem se validando, empiricamente, de maneira crescente. Trata-se da noção de “destraditionalização” como um dos conceitos macrodescritivos aplicáveis a essa transição religiosa. Segundo o autor, para muitos, vivenciar uma religião implica *romper* com o próprio passado religioso. Sobre o protestantismo, Pierucci afirma que se trata, por excelência, de uma religião de conversão *individual*. Segundo Pierucci, o protestantismo, como uma religião que se pretende universal, implica a produção de indivíduos por dissociação, fator necessário para que tal objetivo seja alcançado. Em

concordância com Weber, o autor classifica esse tipo de religião como do tipo *congregacional*.

A religião universal de salvação individual desencalha pessoas de rotinas comunitárias estabelecidas e as desenreda das tramas já dadas de comunicação e subordinação somente para, uma vez individualizadas, isto é, liberadas e autonomizadas, engajá-las como indivíduos na constituição de uma comunidade nova. (PIERUCCI, 2006: 122)

Através dos escritos de Weber, Pierucci demonstra que está deflagrada uma competição dos “novos laços” (que são de fraternidade puramente religiosa entre “irmãos de fé”) com os “antigos laços” (que são de fraternidade entre irmãos de sangue, de cor, de localidade, de pátria; ou de uma religião herdada, nativa, agora depreciada). Os vínculos que precisam ser cortados, incluindo-se aí os simbólicos, são os de pertença para trás, o que leva a uma atitude iconoclasta. (*Ibid*, p. 123)

Tendo sua origem no catolicismo popular de tia Eva, o surgimento de novas religiões, principalmente a protestante que recebe cada vez mais adeptos, é considerado como uma ameaça à continuidade desta tradição, e conseqüentemente das identidades a ela relacionada e ao *status* sagrado de São Benedito e de tia Eva. Dona Adair comenta que:

No tempo da minha avó não tinha essas coisas aqui não, esse negocio de saravá, de crente, não tinha esse negocio de crente aqui, essa falação danada, como muitos que vai aí em certos lugares e fica falando que nós bate o sino aqui nós fica adorando massa de barro. Mas é uma massa de barro que nós conhece desde quando nós viramos gente. Desde a nossa tradição, desde que nós se conhece por gente, nós conhece ela aí. E nós agradecemos porque a promessa que ela fez lá, que ela veio embora pra cá com essas filhas, ela veio com ele já, um pequenininho desse tamanho, que fica lá em cima, aquela que ela trouxe de Goiás e as três filhas. (Entrevista realizada no dia 22/05/13)

Se tia Eva foi considerada uma santa, assim como São Benedito, que está representado em uma imagem “encantada” em um espaço sagrado consolidado por ela própria, a igreja, o protestantismo, ao não compartilhar dessas crenças, nega tais fatos. No contexto da comunidade Tia Eva, assim como em outros (pois se trata de uma questão relacional), é como se o protestantismo, ao possuir uma essência iconoclasta, operasse como uma religião de oposição, de rompimento com uma “lógica tradicional” que existia previamente.

Conforme foi discutido no primeiro capítulo, a Igreja católica tomou para si o controle da festa de São Benedito por 15 anos. Não satisfeita, a igreja católica quis administrar ininterruptamente a igreja de São Benedito. Porém, como os descendentes de tia Eva recusaram essa proposta, a Diocese construiu a igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Eram os padres salesianos que tomavam conta ali da comunidade e da igreja né. Apesar de que eles provocaram a divisão quando eles fizeram a outra igreja lá, a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, por que teve uma briga interna ali que a igreja na época queria tomar conta da festa, de tudo e a comunidade achou que não, que a festa era dela e que ela que tinha que tomar de conta. Então teve essa divisão política e católica. [...]. Isso eu acho que prejudicou muito o relacionamento, porque praticamente a igreja católica passou uns 20 anos ou mais sem ir rezar a missa ali na Tia Eva, mesmo nos festejos. Porque a igreja católica poderia ter avançado muito mais dentro da comunidade se tivesse, se pegasse a festa como tradição, ia discutindo devagar, porque eles chegavam com imposição, ainda bem que tinha o seu Michel que não aceitou a imposição deles, se não acho que hoje em dia essa festa tradicional tinha acabado. Então isso pra mim é um sinal de resistência, e eu era guri participei. (Antônio Borges dos Santos –18/05/13).

Quando reconhece a existência e a proximidade, às vezes ameaçadora, do especialista popular, o sacerdote da Igreja confessa, ao mesmo tempo, os direitos legítimos e a necessidade universal do seu modo de professar a religião *versus* a ilegalidade jurídica e sagrada dos modos populares equivalentes. Ao nominar a igreja com santos cultuados pelos descendentes de tia Eva, a igreja católica tinha como objetivo tirar os fiéis que frequentavam a igreja de São Benedito e marcar sua posição de detentora “oficial” da fé cristã assim como das edificações cristãs. Desse modo, as missas e outras atividades ecumênicas, que eram realizadas na igreja de São Benedito, foram transferidas para a nova igreja da Diocese.

Ao resistir à Igreja, não se deixando dominar por inteiro pela sua ordem, ou ao resistir a transformar-se a si próprio num tipo de “igreja universal”, o catolicismo popular resiste como uma *communitas* à estrutura (BRANDÃO, 1986: 138). Ele se preserva de confrarias de controle em nome da comunidade, e se protege de domínios interiores e externos de hierarquias eclesiásticas, dissolvendo o poder de enunciar a crença e o culto entre diversas categorias de sujeitos. Ele constitui, entre iguais, o seu código religioso, fundado muito mais sobre o consenso de classes e fórmulas de fé difusamente acreditadas, do que sobre um corpo doutrinário dogmático.

O estudo do que seria a relação existente entre uma religião oficial e seu contraste, a religião popular, levou muitos autores a afirmarem que, numa manifestação de religiosidade, o fiel utilizaria elementos característicos da religião oficial, sem, contudo, sentir-se embaraçado por isso. Gestos como rezar orações próprias da religião oficial ou pedir a celebração de missas para pagar uma promessa feita a um santo não reconhecido oficialmente não o constrangeria, pois ele continuaria considerando-se sempre ligado à sua Igreja. Nesse sentido, a religiosidade popular deriva tanto de uma matriz erudita, não totalmente conhecida e absorvida, quanto de uma tradição coletiva, cuja religiosidade é voltada para uma diversidade de práticas e valores sociais, como os relacionados ao trabalho na terra, no caso camponês.

De acordo com Brandão (1986), ao contrário da Igreja católica e da protestante, o catolicismo popular parece convidar o devoto muito mais a gestos comunitários de reprodução da solidariedade, segundo um modelo camponês de trocas, do que a uma conduta religiosa irrepreensível, a atos de submissão ao poder eclesiástico, de separação “do mundo” e de intolerância para com os “diferentes”. Assim acontece com o catolicismo popular, que evita fazer a sua igreja universal e evita a Igreja oficial, porque é um sistema religioso *da* comunidade e não *sobre* ou *para* ela.

3.4 Tradição e mudança

A experiência da tradição histórica vai fundamentalmente além do que nela se pode investigar. Ela não pode ser simplesmente classificada como verdadeira ou falsa, no sentido determinado pela crítica histórica; transmite sempre a verdade da qual devemos tirar proveito. (...) A presente investigação acredita estar a serviço de uma evidência que, em nosso tempo inundado de rápidas transformações ameaça ser obscurecida. Aquilo que se transforma chama muito mais a atenção de que aquilo que continua como sempre foi. (...) Assim, as perspectivas que resultam da experiência da mudança histórica estão sempre correndo o risco de ser distorcidas, por esquecerem a ocultação do permanente. (H.-G. Gadamer, 2004)

A memória e o presente são duas instâncias, não raro, conflitivas. A “tradição” sempre lembrada e requisitada vai se modificando, porém retém elementos que são mais duradouros em sua constituição. A partir desta preocupação, Sahlins (1990) incorporou o tempo a suas análises culturais, ressignificando o conceito de cultura e fazendo com que a noção contemple o acontecimento (aquilo que muda) e a estrutura (aquilo que é mais permanente – a parte mais “dura” dos processos sociais). O autor pensa a cultura como historicamente reproduzida, mas também alterada na ação. Ele alinha o conceito de cultura à mudança. Para Sahlins todo evento é ao mesmo tempo inovador e conservador.

Enquanto forma específica de devoção, a festa de São Benedito se realiza a partir de uma estrutura ritual que dita uma organização determinada, porém que se estende aos mais variados contextos sociais, extrapolando as situações rituais ligadas às comemorações religiosas. Por possuir essas características, a festa foi absorvendo novos elementos que surgiam na realidade social do grupo, passando por intensas transformações no decorrer do tempo. Essas atualizações se devem à dinamicidade de certas atividades realizadas durante a festa, como o baile, que servem como atrativos para o público e enriquecimento do calendário festivo.

As gerações dos descendentes de tia Eva viveram contextos diferentes em face de uma mesma tradição. Cada ano de festa é um “período-âncora da memória” (WOORTMANN E., 1998), um ponto de partida de todas as referências posteriores. Esse período-âncora é acionado para a auto-valorização dos velhos, frente aos mais novos. São desses períodos que os mais velhos tanto falam durante as entrevistas, comparando com o momento atual. No discurso dos mais velhos, se revelam as transformações que ocorreram com a festa de São Benedito assim como a sua perplexidade com a forma atual da festa.

Os mais velhos, sendo descendentes de uma promessa de tia Eva, se preocupam, constantemente, com a realização da festa, que é considerada um compromisso religioso, e a reconciliação com esse passado. Os principais motivos apontados para justificar as transformações da festa de São Benedito foram o avanço da cidade, a diferença entre as gerações e a dispersão religiosa.

De fato, ocorreram diversas mudanças no formato da festa, isto é, no quadro oficial da sua programação. Desse modo, diversas atividades que eram realizadas anteriormente na festa de São Benedito deixaram de acontecer, como as excursões de devotos para a arrecadação de recursos, a realização de leilões, a figura do festeiro, dentre outras. O momento reservado ao baile permanece e ocorre durante sete das dez noites do festejo, mas hoje se tratam de novos gêneros musicais, que falam de outros valores morais, diferentes daqueles observados nas cantorias tradicionais, como a catira. Outras atividades surgiram na programação da festa, e hoje já são consideradas tradicionais, como o campeonato de futebol Tia Eva.

Por outro lado, a tradição tem por base os ritos religiosos, uma vez que o surgimento da festa de São Benedito, assim como da própria comunidade são resultados das promessas de tia Eva ao santo. Esses pilares tradicionais são a novena, a procissão e o hasteamento do mastro, assim como os ritos relacionados a eles, como a fogueira no nono dia e os três fogos que são soltos durante os dias da novena. A realização desses compromissos religiosos é prescritiva e vem desde a primeira festa organizada por tia Eva; por isso esses elementos são mais duradouros, ou seja, menos suscetíveis às mudanças formais. No entanto, a mudança que ocorreu nessa parte mais tradicional é uma outra, não se trata de uma mudança formal, mas sim de um valor atribuído a essas tradições pelas novas gerações, que se encontram afastadas dos compromissos religiosos.

Em meio a tantas narrativas sobre a mudança na forma da festa, parecem ficar obscurecidos os seus sentidos mais profundos, assim como os interesses e motivações por trás dessas atualizações. A festa de São Benedito ainda é o ponto aglutinador entre as famílias que migraram e as que ficaram; é, pois, um ritual de interação, que agrupa indivíduos de interesses comuns constituindo o princípio de reciprocidade. Durante as festas, verifica-se que o sentimento de pertencimento ao grupo é afluído, ao mesmo tempo em que engendra diversas relações com outros grupos, atualizando-as. Salvo as aparências, a festa de São Benedito continua a realizar as mesmas operações elementares: a transmissão regular das instituições e dos valores de uma geração a outra e a atualização de redes de relação onde operam princípios como os de reciprocidade e aliança. Portanto, é

como se a festa houvesse “mudado para não mudar”, isto é, transformou-se para se adaptar aos novos cenários como uma necessidade própria para que continuasse a existir.

Não há tradição sem mudança. A tradição é, antes de tudo, experimentação. Sua veracidade é comprovada na experiência da vida diária. Por isso, algumas tradições podem ser inventadas de propósito, transmitidas pela força, porque advém das necessidades da vida em comum (HOBSBAWM & RANGER, 2002). Lembremos mais uma vez de Sahlins (2007: 520): “(...) nenhuma cultura é *sui generis*. E a fabricação mais ou menos consciente da cultura, em resposta a ‘pressões’ externas imperativas, é um processo normal – dialético ou cismogênico, talvez, mas não patogênico”.

Segundo Stuart Hall, a cultura deve ser compreendida de forma dinâmica fortalecendo identidades, não no sentido de homogeneizar, mas de compreender a convivência das diversidades e o entrecruzamento das culturas, criando novas formas.

A tradição é um elemento vital da cultura, mas ela nada tem a ver com a mera resistência das velhas formas. Está muito mais relacionada às formas de associação e articulação dos elementos. (...) As culturas percebidas não como “formas de vida”, mas como “formas de luta” constantemente se entrecruzam: as lutas culturais surgem nos pontos de intersecção (HALL, 2008: 243)

É preciso estarmos atentos à plasticidade das dinâmicas culturais, aos rearranjos, às adaptações, aos processos criativos empreendidos por grupos de cultura popular na contemporaneidade, onde o que está em jogo não é meramente a tentativa de reprodução do passado, e sim a construção de um presente e a possibilidade de se sonhar um futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa com a comunidade negra Tia Eva me levou a trilhar o caminho do passado pela perspectiva da memória genealógica. Essa comunidade quilombola, que tem seu passado ligado diretamente à escravidão, possui, por meio de relações sociais próprias calcadas no parentesco comum, uma cultura particularizada que representa uma identidade distinta. Identidade que é, também, construída a partir de representações do território, das normas e dos códigos sociais, da religiosidade e dos mitos.

A festa de São Benedito, realizada anualmente na comunidade tia Eva, não se caracteriza apenas por prestar homenagens ao santo, mas também por servirem de momentos de confraternização coletiva entre várias famílias e comunidades, trazendo ao grupo unidade e os reunindo em torno de um ritual que reflete o modo como o grupo vê o ambiente no qual está inserido; bem como o seu modo de organizar e traçar as estratégias de permanência do grupo enquanto quilombolas.

O que pode em certa medida transparecer como respostas simbólicas e religiosas às mudanças e secularização do sagrado produzido pelos novos valores sociais em voga na sociedade moderna. Tais práticas surgem como maneiras de resistir e manter relações e identidades sociais diante de novas práticas e valores sociais

As festas religiosas realizada nessa comunidade são exemplificações de uma história cultural na qual há uma impregnação no universo cultural do grupo. Nestes casos os rituais aparecem como manifestações marcadas por atividades coletivas, pela qualidade e quantidade de danças, pelas inúmeras representações e pela celebração em torno da imagem do santo protetor. São verdadeiros encontros de uma unidade primeira, criação que se cria através do seu próprio criador, desde as origens e nas várias histórias culturais. Os festejos religiosos ultrapassam a si mesmos como unidades temporais para religar o visível e o invisível, aquilo que está dentro e fora de um tempo, sempre buscando estabelecer laços comunitários, de identidade étnica e tradição dentro das mais variadas relações de poder.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, Ângelo M. V. de. 2006. *Campo Grande: arquitetura, urbanismo e memória*. Campo Grande: Ed. UFMS.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1986. *Os deuses do povo*. São Paulo-SP: Editora Brasiliense. 2º Edição

_____. 1987. *O festim dos bruxos: estudos sobre a religião no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Ícone.

CABRAL, Paulo Eduardo. 1999. *Formação étnica e demográfica*. In: Campo Grande: 100 anos de construção. Campo Grande: Matriz Editora.

CARVALHO, José Jorge de. 2000. *Um Panorama da Música Afro-Brasileira – dos gêneros musicais tradicionais aos primórdios do samba*”. In: *Série Antropologia*, nº 275, Brasília: UnB.

CLIFFORD, James. 1998. *Sobre a autoridade etnográfica*. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

CONNERTON, Paul. 1999. *Como as Sociedades Recordam*. Celta Editora. Oeiras.

CORTÊS, Dennis Novaes Saldanha. 2013. *Funk no Distrito Federal: nota sobre música e pertencimento*. Monografia defendida no curso de graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

COSTA, João Batista de Almeida. 1999. *Do tempo da Fartura dos Crioulos ao Tempo de Penúria dos Morenos: a identidade através de um rito em Brejo dos Crioulos*. Dissertação de Mestrado em Antropologia defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. 2006. *As Raízes da Congada: A renovação do presente pelos filhos do rosário*. Tese de doutorado em Antropologia defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

DURHAN, Eunice R.. 1973. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. Debates Ciências Sociais. São Paulo: Editora Perspectiva.

DURKHEIM, Émile. [1987] 2000. *O Suicídio*. Martins Fontes. São Paulo.

_____. 1996. *As formas elementares da vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália*. Martins Fontes. São Paulo.

FRANÇA, Basileu Toledo. [1954] 1995. *Pioneiros: Romance histórico da fundação de Jataí e contribuição ao estudo do povoamento de Goiás*. Goiás: Editora da UFG.

GODOI, Emília Pietrafesa de. 1999. *O Trabalho da Memória: Cotidiano e história no sertão do Piauí*. Editora da UNICAMP. Campinas/SP.

GOFFMAN, Erving. 2012. *Ritual de interação – Ensaio sobre o comportamento face a face*. Trad: Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Editora Vozes.

GORDON, Colin (ed.) 1980. *Power/Knowledge. Selected interviews and Other Writings of Michel Foucault*. New York: Pantheon Books.

GLUCKMANN, M. 1987. *Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna*. In: Antropologia das Sociedades Contemporâneas. Org. FELDMAN-BIANCO, B. São Paulo-SP, Global.

GRIMES, R. L. Victor. 1990. *Turner's definition, theory and sense of ritual*. In: Victor Turner and the construction of cultural criticism: between literature and anthropology. Ashley, K. (Ed.). Indiana University Press.

GUATTARI, Felix. 2012. *Caosmose- Um novo paradigma estético*. Trad: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34.

HALL, Stuart. 2003. *Da diáspora: identidades e mestiçagens culturais*. Belo Horizonte: UFMG.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. 2008. *O Peregrino e o Convertido*. Petrópolis, RJ: Vozes.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. 2002. *A Invenção das Tradições*. (org.). Tradução: Celina Cavalcante. 3ª Edição. São Paulo: Paz e Terra.

LARAIA, Roque de Barros; MELLO, Maria Zaira Batista de. 1980. *Chá-de-panela, análise de um rito social*. Anuário Antropológico 78. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro.

MORAES, Vanda. 2003. *Tia Eva, negraeva: história da comunidade de São Benedito*. Projeto Negraeva. Campo Grande: Diogo Gráfica e Editora.

OLIVEIRA, Oswaldo Martins de. 2002. *Quilombo do Laudêncio, município de São Mateus (ES)*. In: O'DWYER, Eliane Catarino (Org.). Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Editora FGV, Rio de Janeiro.

PEIRANO, Mariza. 2000. *A análise antropológica de rituais*. Série Antropologia 270. Brasília.

_____. 2001. *O Dito e o Feito. Ensaio de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

PIERUCCI, Antônio Flávio. 2006. *Religião como solvente: uma aula*. Novos estudos. CEBRAP, n. 75.

PLANURB. 2005. *Perfil socioeconômico de Campo Grande 2005*. 12ª edição revista. Campo Grande: Instituto Municipal de Planejamento Urbano.

PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre B. 2014. *Fiéis Descendentes: Redes-Irmandades na pós-abolição entre as comunidades negras rurais sul-mato-grossenses*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

PORTO, Liliana de Mendonça. 1997. *Reapropriação da Tradição a partir do Presente: Um Estudo sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Chapada do Norte/MG*. Dissertação de mestrado defendida no PPGAS/DAN/UnB.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. [1952] 1973. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Coleção Antropologia 2. Petrópolis: Editora Vozes Ltda.

RIVERA, Paulo B. 2002. *Desencantamento do mundo e declínio dos compromissos religiosos. A transformação religiosa antes da pós-modernidade*. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 4, n. 4.

SAHLINS, Marshall. 1990. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. 2007. *Adeus aos tristes tropos: a etnografia no contexto da moderna história mundial*. Cultura na Prática. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

SANTOS, Jaqueline Sgarbi; MENASCHE, Renata. 2013. *Carneação: comida, trabalho e sociabilidade*. In: Revista Habitus. Goiânia, v. 11, n.1, p. 53-64, jan/jun.

SANTOS, Rui Leandro da Silva. 2001. *Festa de Nossa Senhora Imaculada da Conceição: articulação, sociabilidade e etnicidade dos negros do Rincão dos Pretos do município de Rio Pardo/RS*. Dissertação de Mestrado em Antropologia defendida no PPGAS/UFRGS.

SIQUEIRA, Thaís Teixeira de. 2006. *Do Tempo da Sussa ao Tempo do forró: Música, Festa e Memória entre os Kalunga de Teresina de Goiás*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, DAN/ICS/UnB.

WALL, Karin. 1998. *Famílias no Campo: passado e presente em duas Freguesias do Baixo Minho*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

WOORTMANN, Ellen F. 1994. *A Árvore da Memória*. Brasília: Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.

_____. 1998. *Homens de Hoje, Mulheres de Ontem: Gênero e memória no seringal*. In: FREITAS, C.: Anais do I Seminário e da II Semana de Antropologia da UCG. Goiânia: Editora UCG.

WOORTMANN, Ellen F; WOORTMANN, Klaas. 1997. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

WOORTMANN, Klaas. 1990. *Com Parente Não se Neguceia*. Anuário Antropológico. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1990.